

PUBLICAÇÕES SISTEMA FIRJAN

PESQUISAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

DIAGNÓSTICOS E
MAPEAMENTOS SETORIAIS

DIAGNÓSTICO DO COMÉRCIO EXTERIOR DO ESTADO DO RIO 2015



Julho/2015

Esta publicação contempla os seguintes temas:



COMPETITIVIDADE



RIO DE JANEIRO

www.firjan.com.br

Sistema
FIRJAN



INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.

DIAGNÓSTICOS E
MAPEAMENTOS SETORIAIS

DIAGNÓSTICO DO COMÉRCIO EXTERIOR DO ESTADO DO RIO 2015

Julho/2015

Sistema FIRJAN

Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

PRESIDENTE Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira

Conselho Empresarial de Relações Internacionais da FIRJAN/CIRJ

PRESIDENTE Luiz Felipe Lampreia

Diretoria de Desenvolvimento Econômico e Associativo (DDE)

DIRETORA Luciana Costa M. de Sá

Centro Internacional de Negócios (CIN)

DIRETOR Amaury Temporal

GERENTE João Paulo Alcantara Gomes

ASSESSOR Fernando Saboya de Castro

Gerência de Pesquisas e Estatística (GPE)

GERENTE Cesar Kayat Bedran

Equipe Técnica do CIN

Rachel Morais Brasil

Claudia Teixeira dos Santos

Julia Rangel Pestana

Equipe Técnica GPE

Tatiana d'Aboim Inglez Sanchez

Ana Luiza de Abreu Esteves

Fernanda Ogg Ferreira Lourenço

Sistema
FIRJAN



INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.

SUMÁRIO

Apresentação	4
Seção I: Panorama do Comércio Exterior em 2014	5
Seção II: Caracterização das Empresas Pesquisadas	21
Seção III: Perfil das Empresas Exportadoras	31
Seção IV: Perfil das Empresas Importadoras	45
Seção V: Cenário Mundial e Negociações Internacionais	57
Considerações Finais	67
Metodologia	71

APRESENTAÇÃO

O Sistema FIRJAN tem a satisfação de apresentar a terceira edição do **Diagnóstico do Comércio Exterior do Estado do Rio**. O estudo traça o perfil das empresas fluminenses que atuam no Comércio Exterior e elenca os obstáculos internos e externos que afetam seu desempenho nesta atividade.

A partir das respostas de 328 empresas é possível comparar os resultados de 2015 com os observados nas edições de 2013 (303 empresas respondentes) e de 2011 (301 empresas respondentes), realçando avanços, retrocessos e mudanças na percepção dos exportadores e importadores.

Mais uma vez, o resultado do Diagnóstico demonstra que ainda existe uma série de questões prioritárias a serem tratadas pelos agentes que regulamentam o comércio exterior. Pela terceira edição consecutiva, a burocracia aduaneira foi apontada pelas empresas fluminenses como o maior entrave ao comércio exterior. Ao mesmo tempo, notou-se um crescimento expressivo das empresas que citaram os custos relacionados às operações aeroportuárias.

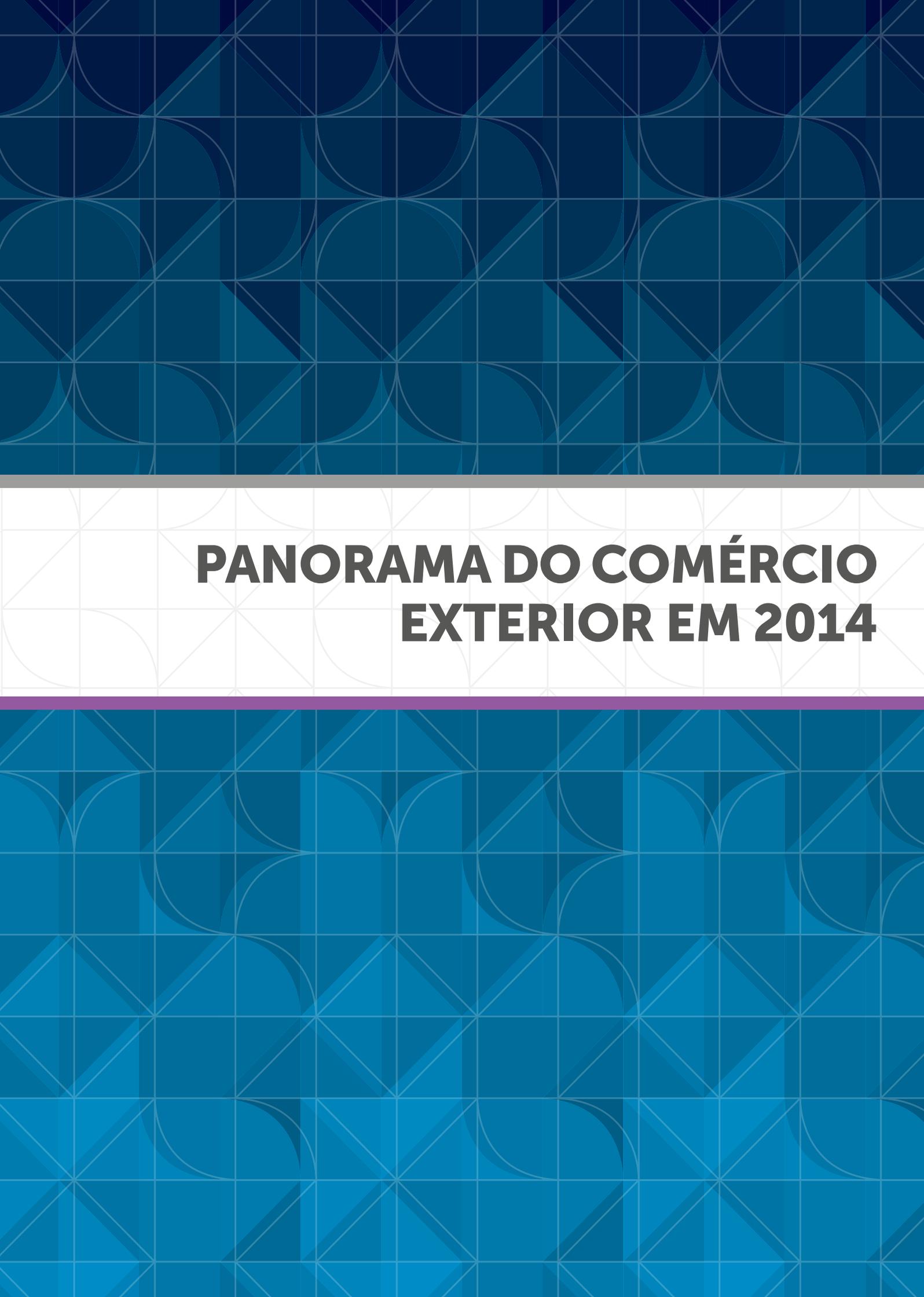
A melhoria do ambiente de negócios é fundamental para permitir a inserção do país nas cadeias globais de valor. O Brasil, apesar de ser a 7ª economia mundial, apresentou resultados pouco satisfatórios no comércio internacional. Em 2014, participou com apenas 1,2% nas exportações e 1,3% nas importações mundiais, sendo o 22º país no ranking de transações de bens.

O Sistema FIRJAN acredita que o Diagnóstico permite maior conhecimento do comércio exterior do Rio de Janeiro, de seus atores, de suas apreensões e aspirações e que pode contribuir para aprofundar a sensibilização das autoridades e das empresas para a importância estratégica dessa atividade. Além disso, a pesquisa pode se tornar um instrumento capaz de colaborar para a superação das dificuldades, viabilizando melhorias no ambiente do comércio exterior fluminense para os próximos anos.

Com esta iniciativa, esperamos colaborar para a efetivação de políticas públicas e ações orientadas à internacionalização das empresas fluminenses. O aperfeiçoamento dessas medidas será fundamental para o ambiente de negócios globalizado e competitivo no qual nossas empresas estão inseridas. Vale ressaltar que a maior parte das empresas indicou no Diagnóstico que as exportações tenderiam a crescer caso os entraves fossem retirados.

Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira

Presidente do Sistema FIRJAN



**PANORAMA DO COMÉRCIO
EXTERIOR EM 2014**

SEÇÃO I:

PANORAMA DO COMÉRCIO EXTERIOR EM 2014

Esta primeira seção focaliza os resultados do comércio exterior brasileiro em 2014, especialmente os dados do estado do Rio de Janeiro, 2º em participação no comércio exterior brasileiro, atrás apenas de São Paulo. O desempenho de 2014 é comparado ao ano base do Diagnóstico anterior (2012). As informações, consolidadas pelo Centro Internacional de Negócios, com base nos dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, retratam o desempenho do estado do Rio de Janeiro nas atividades de exportação e importação, em particular: a balança comercial do estado; sua participação nas exportações brasileiras; os principais setores do comércio exterior fluminense e os principais parceiros comerciais.

Adicionalmente, nesta edição, apresentaremos os resultados brasileiros de 2014 referentes ao comércio exterior de serviços. Os dados estão organizados por principais estados importadores e exportadores, principais serviços comercializados pelo estado do Rio de Janeiro e, ainda, parceiros em destaque. Vale destacar que estas são as primeiras informações baseadas no Siscoserv, sistema do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior que registra as transações de serviços, implementado em 2013.

Parte I - Comércio Exterior de Bens

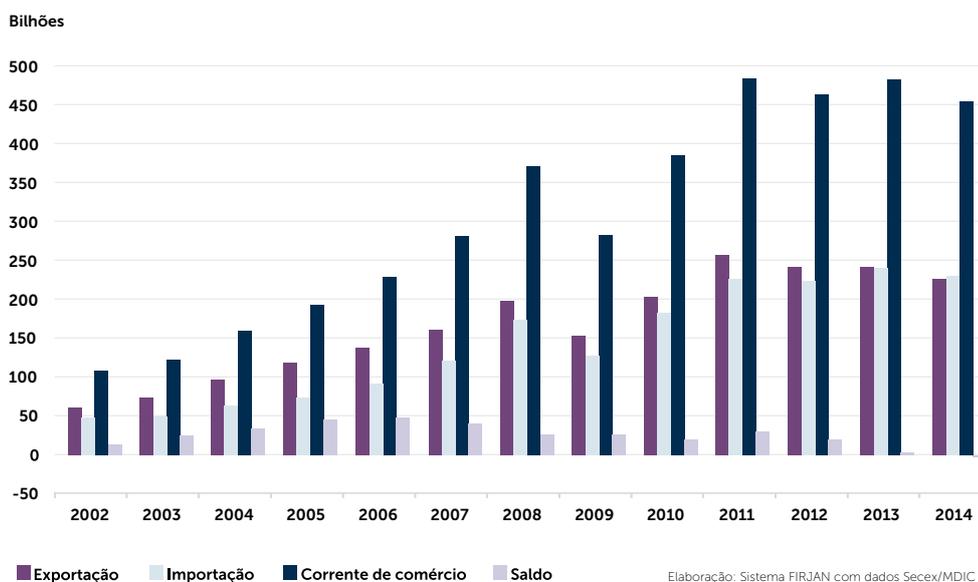
Em 2014, o comércio exterior brasileiro registrou saldo comercial negativo (US\$ 4,0 bilhões), após 13 anos consecutivos de superávit, diante de US\$ 225 bilhões em exportações e US\$ 229 bilhões em importações. Com esses resultados, frente a 2012, o país diminuiu a corrente de comércio (US\$ 454 bilhões) em 2,5%. No mesmo período, enquanto as importações cresceram 2,7%, as exportações recuaram 7,2%. Por sua vez, o comércio exterior mundial avançou 2,5% nesses dois anos.

Por sua vez, o estado do Rio de Janeiro apresentou saldo comercial positivo (US\$ 955 milhões) em 2014. A corrente de comércio do estado (US\$ 44 bilhões) fechou o ano com queda (10%), seguindo a mesma trajetória do país na comparação entre 2012 e 2014.

O resultado do estado foi semelhante ao nacional em 2014, com as exportações fluminenses (US\$ 23 bilhões) recuando 21% frente a 2012, enquanto as importações (US\$ 22 bilhões) cresceram 5,9%, alcançando recorde histórico em 2014. O estado do Rio e o Brasil registraram queda em todas as categorias exportadas. No entanto, enquanto a queda de produtos básicos foi mais intensa no Rio, no âmbito nacional, a maior redução ocorreu na venda de produtos industrializados.

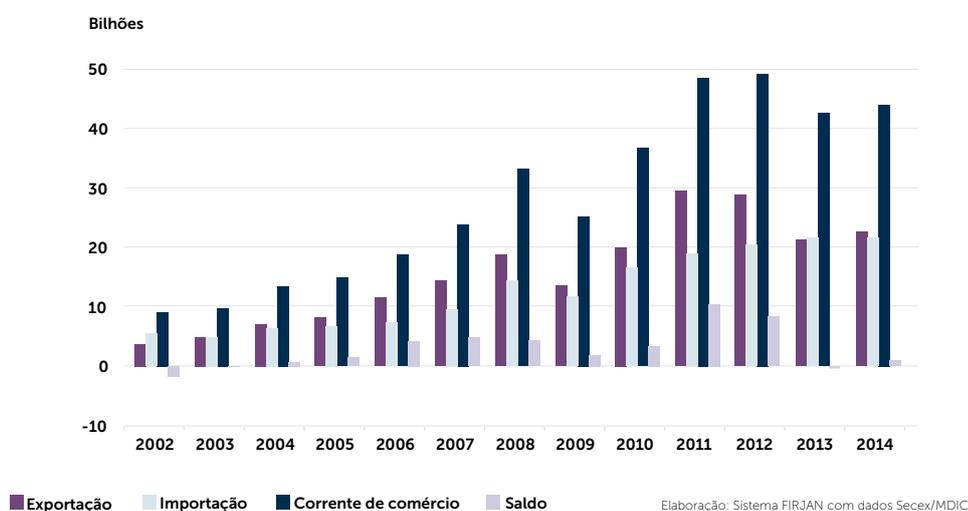
Nos Gráficos a seguir (1 e 2) é possível observar séries mais longas do comércio exterior do Brasil e do Rio. O primeiro apresenta a balança comercial brasileira entre 2002 e 2014. As importações (385%) avançaram acima das exportações (272%). Diante disto, a corrente de comércio brasileira ao longo desses anos aumentou 322%. Vale registrar que entre 2002 e 2014 o comércio exterior mundial obteve uma taxa de crescimento (187%) menor que a do Brasil.

Gráfico 1: Balança Comercial Brasileira



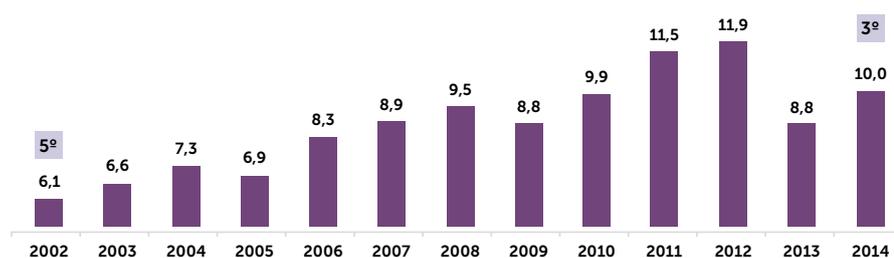
O Gráfico 2 apresenta os resultados da balança comercial do estado do Rio de Janeiro entre 2002 e 2014. Neste período, as exportações fluminenses cresceram 518% e as importações 301%. Com isso, o estado do Rio apresentou um aumento em sua corrente de comércio de 389% no período, acima do resultado do país na mesma série histórica.

Gráfico 2: Balança Comercial do Estado do Rio de Janeiro



A partir destes resultados, o estado do Rio de Janeiro aumentou sua participação nas exportações brasileiras, tendo se consolidado entre os maiores exportadores. Em 2002, o Rio de Janeiro era o 5º maior estado em volume de vendas externas com 6,1% do total exportado pelo Brasil. Apesar da queda em 2013, o estado retomou a 3ª posição, atingindo a participação de 10% nas exportações brasileiras (Gráfico 3) em 2014. No tocante às importações, o estado do Rio se manteve na 2ª colocação entre as unidades federativas, passando de 11% para 9,5% em participação no total do país.

Gráfico 3: Participação Fluminense nas Exportações Brasileiras (%)



Elaboração: Sistema FIRJAN com dados Secex/MDIC

A Tabela seguinte apresenta fluxos comerciais do estado do Rio de Janeiro em 2014, com as exportações, segundo fator agregado, e as importações, segundo categoria de uso. A pauta de exportação fluminense foi composta, principalmente, por produtos básicos, que representaram 58% do total, enquanto os industrializados contabilizaram 38%. Quanto às importações, o estado adquiriu principalmente bens intermediários e matéria-prima (44%), além de combustíveis e lubrificantes (28,5%). Na comparação com 2012, todas as categorias registraram queda nas exportações, principalmente produtos básicos. Nas importações, bens de consumo recuaram 11% enquanto bens industriais aumentaram 8,6%.

Tabela 1

Exportações (por Fator Agregado) / Importações (por Categoria de Uso) - 2014 - em US\$ bilhões						
Aberturas do Comércio Exterior:	Brasil	Participação Fluminense no Total Brasil (%)	Rio de Janeiro	Participação no Total Rio de Janeiro (%)	Variação 2014/2012 (%)	
					Rio de Janeiro	Brasil
Exportações	225	10,0	23	100,0	-21,4	-7,2
Básicos	110	12,0	13	58,0	-29,6	-3,4
Industrializados	109	7,8	9	37,9	-6,3	-11,7
Manufaturados	80	8,1	7	28,9	-7,6	-11,6
Semimanufaturados	29	7,0	2	9,0	-1,6	-12,0
Operações Especiais	6	15,0	1	4,1	-5,4	16,6

continuação

Aberturas do Comércio Exterior	Brasil	Participação Fluminense no Total Brasil (%)	Rio de Janeiro	Participação no Total Rio de Janeiro (%)	Variação 2014/2012 (%)	
					Rio de Janeiro	Brasil
Importações	229	9,5	22	100,0	5,9	2,7
Bens Industriais	155	8,2	13	58,8	8,6	0,6
Bens Intermediários e matéria-prima	122	7,8	10	43,9	7,7	2,9
Bens de Capital	33	9,8	3	14,9	11,2	-7,1
Combustíveis e lubrificantes	42	14,6	6	28,0	7,8	15,2
Bens de Consumo	31	8,5	3	12,3	-10,9	-2,1
Bens de Consumo não-duráveis	20	7,8	2	7,1	-11,7	7,3
Bens de Consumo duráveis	12	9,7	1	5,3	-9,7	-14,5
Saldo Comercial	-4	-23,7	1	100,0	-	-
Corrente de Comércio	454	9,7	44	100,0	-10,0	-2,5

Fonte: Funcex, com base em dados da Secex/MDIC. (-) Valores Nulos

As Tabelas seguintes detalham as exportações e importações do estado do Rio de Janeiro segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0). Entre as exportações fluminenses, o setor de Extração de Petróleo e Gás Natural (US\$ 12,9 bilhões) se manteve como o principal exportador mesmo com queda de 30% no valor frente a 2012.

Já na indústria da transformação, a Metalurgia (US\$ 2,8 bilhões) foi o principal segmento, com 13% de participação nas exportações do estado, seguido por Outros Equipamentos de Transporte, exceto Veículos Automotores (US\$ 2,0 bilhões). Na comparação com 2012, 10 dos 30 segmentos analisados registraram crescimento nas vendas externas. Os embarques da indústria da transformação avançaram 1,0% no período.

Por sua vez, as importações fluminenses apresentaram menos concentração que as exportações. O setor de Extração de Petróleo e Gás Natural (US\$ 5,8 bilhões) também foi o principal da pauta, representando 27%, seguido pelos Produtos Químicos (US\$ 2,6 bilhões) representando 12%. Dos 30 segmentos analisados, metade cresceu em valor comprado do exterior, em relação a 2012.

Tabela 2

Exportação do Estado do Rio de Janeiro por setor CNAE 2.0 - 2014 (em US\$ milhões)			
Setor CNAE	Valor	Participação (%)	Variação 2014/2012 (%)
Extração de Petróleo e Gás Natural	12.945	57,2	-29,9
Metalurgia	2.838	12,5	6,6
Fabricação de Outros Equipamentos de Transporte, Exceto Veículos Automotores	2.010	8,9	159,8
Fabricação de Produtos Alimentícios	933	4,1	-25,2
Fabricação de Coque, de Produtos Derivados do Petróleo e de Biocombustíveis	832	3,7	-52,6
Fabricação de Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	786	3,5	-8,0
Fabricação de Produtos Químicos	526	2,3	-20,7
Fabricação de Máquinas e Equipamentos	513	2,3	-48,1
Fabricação de Produtos de Borracha e de Material Plástico	415	1,8	-6,6
Fabricação de Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos	126	0,6	-32,4
Fabricação de Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	124	0,6	-15,2
Extração de Minerais Metálicos	97	0,4	16,6
Fabricação de Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	81	0,4	154,7
Fabricação de Produtos de Minerais Não-Metálicos	74	0,3	-16,0
Fabricação de Celulose, Papel e Produtos de Papel	56	0,2	-8,7
Agricultura, Pecuária e Serviços Relacionados	35	0,2	43,8
Fabricação de Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	34	0,1	17,9
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	18	0,1	-19,9
Fabricação de Produtos Têxteis	15	0,1	-26,1
Fabricação de Bebidas	10	0,0	-63,2
Extração de Minerais Não-Metálicos	10	0,0	20,2
Preparação de Couros e Fabricação de Artefatos de Couro, Artigos Para Viagem e Calçados	4	0,0	-37,5
Impressão e Reprodução de Gravações	3	0,0	-83,0
Fabricação de Móveis	1	0,0	-50,0
Fabricação de Produtos de Madeira	1	0,0	-14,9
Fabricação de Produtos de Fumo	0	0,0	*
Extração de Carvão Mineral	0	0,0	0,0
Pesca e Aquicultura	0	0,0	2,2
Produção Florestal	0	0,0	-95,8
Fabricação de Produtos Diversos	133	0,6	-9,3
Total	22.619	100,0	-21,4

Fonte: Funcex, com base em dados da Secex/MDIC. (*) variações acima de 1.000%

Tabela 3

Importação do Estado do Rio de Janeiro por setor CNAE 2.0 - 2014 (em US\$ milhões)			
Setor CNAE	Valor	Participação (%)	Varição 2014/2012 (%)
Extração de Petróleo e Gás Natural	5.795	26,7	10,7
Fabricação de Produtos Químicos	2.611	12,1	8,4
Fabricação de Outros Equipamentos de Transporte, Exceto Veículos Automotores	2.349	10,8	22,4
Fabricação de Máquinas e Equipamentos	2.149	9,9	11,9
Fabricação de Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	1.361	6,3	-5,5
Fabricação de Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	1.241	5,7	7,5
Fabricação de Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	979	4,5	-8,9
Metalurgia	734	3,4	31,0
Fabricação de Coque, de Produtos Derivados do Petróleo e de Biocombustíveis	692	3,2	-31,7
Fabricação de Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos	647	3,0	53,3
Extração de Carvão Mineral	561	2,6	-35,4
Fabricação de Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	504	2,3	28,1
Fabricação de Produtos Alimentícios	336	1,6	-7,5
Agricultura, Pecuária e Serviços Relacionados	296	1,4	8,9
Fabricação de Produtos de Borracha e de Material Plástico	273	1,3	21,1
Fabricação de Produtos Têxteis	118	0,5	2,0
Fabricação de Produtos de Minerais Não-Metálicos	116	0,5	-28,3
Fabricação de Bebidas	93	0,4	-7,1
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	90	0,4	-12,9
Fabricação de Celulose, Papel e Produtos de Papel	86	0,4	-44,3
Pesca e Aquicultura	85	0,4	33,9
Preparação de Couros e Fabricação de Artefatos de Couro, Artigos Para Viagem e Calçados	45	0,2	-14,7
Fabricação de Móveis	34	0,2	122,9
Impressão e Reprodução de Gravações	20	0,1	-22,0
Extração de Minerais Não-Metálicos	19	0,1	36,0
Produção Florestal	11	0,0	-46,4
Fabricação de Produtos de Madeira	5	0,0	27,1
Extração e minerais metálicos	4	0,0	-39,3
Fabricação de Produtos de Fumo	2	0,0	-36,2
Fabricação de Produtos Diversos	324	0,0	-5,7
Total	21.662	100,0	5,9

Fonte: Funcex, com base em dados da Secex/MDIC.

As tabelas 4 e 5 apresentam os principais parceiros comerciais do estado do Rio de Janeiro, detalhando os produtos exportados para cada destino e aqueles importados de cada origem.

Em 2014, os Estados Unidos foram o principal parceiro comercial fluminense em ambas as vias comerciais. Nas exportações, a pauta foi principalmente composta por petróleo, com participação de 47%, e por produtos semimanufaturados de ferro e aço (41%), cujas vendas externas aumentaram 6,4%. Na comparação com 2012, as vendas de petróleo diminuíram 61% para o país. A China foi o segundo principal destino dos produtos fluminenses, sobretudo em virtude das exportações de petróleo (95% da pauta para o país).

Em termos de importação, os Estados Unidos forneceram 19% dos produtos comprados pelo estado do Rio de Janeiro, com destaque para as importações de partes de motores e turbinas para aviação, que representaram 27% da pauta de origem norte-americana. O segundo fornecedor fluminense em 2014 foi a Arábia Saudita (12%), que se destacou devido às encomendas de petróleo: o país forneceu 46% do total do produto importado pelo estado.

Tabela 4

Exportações do Estado do Rio de Janeiro segundo Principais Países de Destino e seus Produtos Demandados - 2014				
Países selecionados e principais produtos exportados	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)	Varição 2014/2012 (%)	Participação no total do estado (%)
Estados Unidos	4.066	100,0	(42,0)	18,0
Óleos brutos de petróleo	1.919	47,2	(61,1)	8,5
Produtos semimanufaturados de ferro ou aços	1.684	41,4	6,4	7,4
Produtos laminados planos de ferro ou aços	101	2,5	*	0,4
Total de produtos selecionados	3.703	91,1	-	16,4
China	3.367	100,0	(32,5)	14,9
Óleos brutos de petróleo	3.204	95,2	(33,7)	14,2
Minérios de ferro e seus concentrados	22	0,7	28,4	0,1
Polímeros de etileno, propileno e estireno	10	0,3	(79,6)	0,0
Total de produtos selecionados	3.236	96,1	-	14,3
Índia	2.138	100,0	(35,2)	9,4
Óleos brutos de petróleo	2.107	98,6	(35,7)	9,3
Produtos laminados planos de ferro ou aços	14	0,7	142,8	0,1
Pneumáticos	9	0,4	7,5	0,0
Total de produtos selecionados	2.130	99,6	-	9,4

continuação

Países selecionados e principais produtos exportados	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)	Variação 2014/2012 (%)	Participação no total do estado (%)
Chile	2.091	100,0	69,5	9,2
Óleos brutos de petróleo	1.947	93,1	87,9	8,6
Produtos laminados planos de ferro ou aços	29	1,4	(10,7)	0,1
Pneumáticos	19	0,9	(26,8)	0,1
Total de produtos selecionados	1.995	95,4	-	8,8
Cingapura	1.603	100,0	(1,4)	7,1
Plataformas de perfuração ou de exploração, dragas e demais flutuantes	866	54,0	29,3	3,8
Óleos combustíveis (óleo diesel, "fuel-oil", e demais)	421	26,2	(52,9)	1,9
Óleos brutos de petróleo	175	10,9	-	0,8
Total de produtos selecionados	1.462	91,2	-	6,5
Países Baixos	1.442	100,0	(48,2)	6,4
Tubos flexíveis, de ferro ou aço	396	27,5	10,4	1,8
Óleos combustíveis (óleo diesel, "fuel-oil", e demais)	319	22,1	(55,3)	1,4
Óleos brutos de petróleo	267	18,5	(63,4)	1,2
Total de produtos selecionados	982	68,1	-	4,3
Suíça	1.166	100,0	810,1	5,2
Plataformas de perfuração ou de exploração, dragas e demais flutuantes	1.116	95,7	-	4,9
Bombas, compressores, ventiladores, coifas aspirantes e suas partes	16	1,3	-	0,1
Centrifugadores e aparelhos para filtrar ou depurar	10	0,8	-	0,0
Total de produtos selecionados	1.141	97,9	-	5,0
Santa Lúcia	1.123	100,0	4,0	5,0
Óleos brutos de petróleo	1.123	100,0	4,0	5,0
Total de produtos selecionados	1.123	100,0	-	5,0
Argentina	823	100,0	(22,2)	3,6
Automóveis de passageiros	434	52,8	66,8	1,9
Veículos de carga	52	6,4	(21,5)	0,2
Pneumáticos	51	6,2	24,2	0,2
Total de produtos selecionados	537	65,3	-	2,4
Uruguai	702	100,0	157,8	3,1
Óleos brutos de petróleo	623	88,8	273,7	2,8
Óleos lubrificantes	17	2,4	(9,7)	0,1
Veículos de carga	17	2,4	(40,5)	0,1
Total de produtos selecionados	657	93,6	-	2,9

Fonte: Funcex, com base em dados da Secex/MDIC. (-) Valores Nulos (*) Variação acima de 1.000% Nota: Os produtos são selecionados segundo a participação nas exportações nos últimos 12 meses.

Tabela 5

Importações do Estado do Rio de Janeiro segundo Principais Países de Origem e seus Produtos Ofertados - 2014				
Países selecionados e principais produtos importados	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)	Variação 2014/2012 (%)	Participação no total do estado (%)
Estados Unidos	4.145	100,0	6,6	19,1
Partes de motores e turbinas para aviação	1.124	27,1	41,3	5,2
Inseticidas, formicidas, herbicidas e produtos semelhantes	301	7,3	*	1,4
Óleos lubrificantes	220	5,3	-4,4	1,0
Total de produtos selecionados	1.645	39,7	-	7,6
Arábia Saudita	2.654	100,0	-4,5	12,3
Óleos brutos de petróleo	2.653	100,0	-4,5	12,2
Total de produtos selecionados	2.653	100,0	-	12,2
China	2.121	100,0	14,7	9,8
Plataformas de perfuração ou de exploração, dragas e demais flutuantes	379	17,9	-	1,7
Veículos e materiais para vias férreas	141	6,7	-50,7	0,7
Coques e semicoques de hulha, de linhita ou de turfa, mesmo aglomerados; carvão de retorta	100	4,7	-37,7	0,5
Total de produtos selecionados	620	29,2	-	2,9
Alemanha	1.260	100,0	11,9	5,8
Compostos organo-inorgânicos	255	20,2	201,2	1,2
Compostos heterocíclicos, seus sais e sulfonamidas	162	12,9	36,3	0,7
Medicamentos para medicina humana e veterinária	92	7,3	-6,8	0,4
Total de produtos selecionados	509	40,4	-	2,4
Iraque	1.041	100,0	8,2	4,8
Óleos brutos de petróleo	1.041	100,0	8,2	4,8
Total de produtos selecionados	1.041	100,0	-	4,8
França	960	100,0	-27,9	4,4
Partes e peças para veículos automóveis e tratores	97	10,1	-2,1	0,4
Medicamentos para medicina humana e veterinária	75	7,9	11,0	0,3
Inseticidas, formicidas, herbicidas e produtos semelhantes	71	7,4	*	0,3
Total de produtos selecionados	243	25,4	-	1,1

continuação

Países selecionados e principais produtos importados	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)	Variação 2014/2012 (%)	Participação no total do estado (%)
Reino Unido	796	100,0	69,5	3,7
Automóveis de passageiros	243	30,5	-	1,1
Medicamentos para medicina humana e veterinária	48	6,0	-23,6	0,2
Tubos flexíveis de ferro ou aço	44	5,5	*	0,2
Total de produtos selecionados	334	42,0	-	1,5
México	698	100,0	80,6	3,2
Automóveis de passageiros	444	63,6	78,6	2,0
Partes e peças para veículos automóveis e tratores	43	6,1	*	0,2
Produtos de perfumaria, de toucador e preparações cosméticas	30	4,3	1,8	0,1
Total de produtos selecionados	517	74,0	-	2,4
Argentina	606	100,0	-48,9	2,8
Automóveis de passageiros	178	29,3	-72,7	0,8
Trigo em grãos	63	10,4	-35,5	0,3
Máquinas e aparelhos de elevação de carga, descarga ou de movimentação	54	8,9	-	0,2
Total de produtos selecionados	295	48,7	-	1,4
Nigéria	588	100,0	153,6	2,7
Gás natural liquefeito	588	100,0	270,9	2,7
Total de produtos selecionados	588	100,0	-	2,7

Fonte: Funcex, com base em dados da Secex/MDIC. (-) Valores Nulos (*) Variação acima de 1.000% Nota: Os produtos são selecionados segundo a participação nas exportações nos últimos 12 meses.

Finalmente, as Tabelas 6 e 7 apresentam as exportações e importações do estado do Rio de Janeiro segundo Blocos Econômicos¹. Assim como em 2012, tanto nas exportações como nas importações, a Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC) foi o principal parceiro entre os blocos, demandando 51% das vendas externas e 42% das compras externas do estado do

¹ **COMPOSIÇÃO DOS BLOCOS:**

APEC: EUA, China, Chile, Cingapura, Peru, Austrália, Japão, México, Canadá, Rússia, Coreia do Sul, Malásia, Tailândia, Indonésia, Taiwan, Hong Kong, Vietnã, Filipinas, Nova Zelândia, Macau, Brunei e Papua Nova Guiné.

NAFTA: EUA, Canadá e México.

UE: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Romênia e Suécia.

ALADI: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

ALIANÇA DO PACÍFICO: Chile, México, Colômbia e Peru

MERCOSUL: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela

CARICOM: Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, Granada, Guiana, Haiti, Jamaica, Montserrat, São Cristóvão e Névis, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, Suriname e Trinidad e Tobago.

CAN: Bolívia, Colômbia, Equador e Peru

ASEAN: Brunei, Camboja, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Filipinas, Cingapura, Tailândia, Vietnã

EFTA: Liechtenstein, Noruega, Suíça, Islândia

CCG: Arábia Saudita, Barein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Kweit e Omã

ECOWAS: Benin, Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, Togo

Rio de Janeiro em 2014. Vale notar que esse bloco tem entre seus membros os principais parceiros comerciais do Rio de Janeiro: Estados Unidos e China, que juntos foram destino de 33% das exportações fluminenses e fornecedores em 29% das importações.

Nas exportações fluminenses, a Associação Latino Americana de Integração (ALADI) foi o segundo destino, seguido pelo Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), que representaram ambos 19% da pauta. Por sua vez, nas importações, o NAFTA foi o segundo maior (24%) fornecedor fluminense em 2014.

Tabela 6

Exportações do Estado do Rio de Janeiro segundo Blocos Econômicos selecionados em 2014 (US\$ milhões)			
Blocos Econômicos	Valor	Varição 2014/2012 (%)	Participação no total do Rio de Janeiro (%)
Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC)	11.557	-26,0	51,1
Associação Latino Americana de Integração (ALADI)	4.311	22,7	19,1
Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA)	4.213	-42,6	18,6
União Europeia (UE)	2.892	-46,0	12,8
Aliança do Pacífico	2.441	35,8	10,8
Mercado Comum do Sul (MERCOSUL)	1.736	11,5	7,7
Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)	1.699	2,7	7,5
Comu. e Mercado Comum do Caribe (CARICOM)	1.650	30,8	7,3
Associação Europeia de Livre Comércio (EFTA)	1.186	816,7	5,2
Comunidade Andina das Nações (CAN)	327	-42,2	1,4

Elaboração: Sistema FIRJAN com dados Secex / MDIC. Obs: a soma da tabela não corresponde ao total exportado pelo estado, pois alguns países participam de mais de um bloco.

Tabela 7

Importações do Estado do Rio de Janeiro segundo Blocos Econômicos selecionados em 2014 (US\$ milhões)			
Blocos Econômicos	Valor	Variação 2014/2012 (%)	Participação no total do Rio de Janeiro (%)
Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC)	9.115	14,7	42,1
Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA)	5.148	11,9	23,8
União Europeia (UE)	5.094	6,2	23,5
Conselho de Cooperação do Golfo (CCG)	2.692	-18,0	12,4
ALADI (exclusive MERCOSUL)	1.211	58,0	5,6
Aliança do Pacífico	1.147	69,4	5,3
Mercado Comum do Sul (MERCOSUL)	759	-40,9	3,5
Associação Europeia de Livre Comércio (EFTA)	712	-2,8	3,3
Comunidade Econ. dos Países da África Ocidental (ECOWAS)	588	153,6	2,7
Comu. e Mercado Comum do Caribe (CARICOM)	541	63,0	2,5

Elaboração: Sistema FIRJAN com dados Secex / MDIC Obs: a soma da tabela não corresponde ao total importado pelo estado, pois alguns países participam de mais de um bloco.

Parte II - Comércio Exterior de Serviços

No comércio de serviços, o Brasil importou (US\$ 49 bilhões) mais que o dobro do exportado (US\$ 21 bilhões) em 2014. Assim, o saldo foi deficitário em US\$ 28 bilhões. Nas exportações o estado do Rio de Janeiro alcançou a segunda colocação, com 24% de participação, enquanto São Paulo foi o primeiro com 60%. Por sua vez, nas importações, o estado do Rio foi o principal comprador brasileiro (54%), seguido por São Paulo (34%).

Tabela 8

Balança Comercial Brasileira de Serviços (em bilhões) - 2014	
Exportação	21
Importação	49
Balança Comercial de Serviços	-28
Corrente de Comércio	69

Elaboração: Sistema FIRJAN com dados SCS/MDIC

Gráfico 4: Principais Estados Brasileiros Exportadores de Serviços (em US\$ milhões)

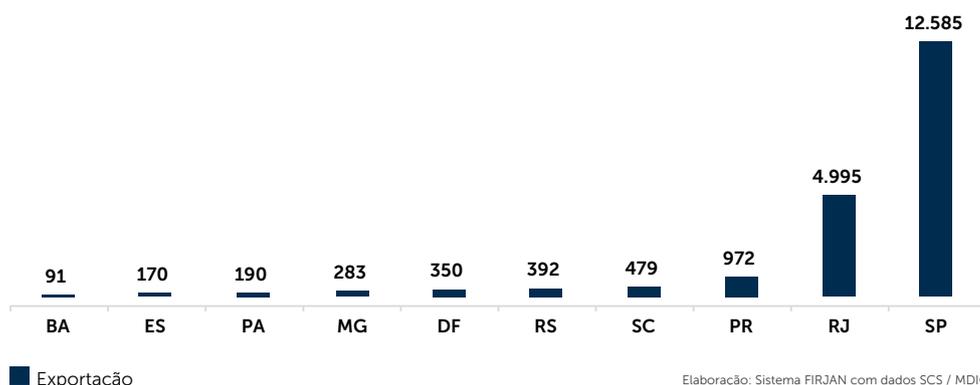
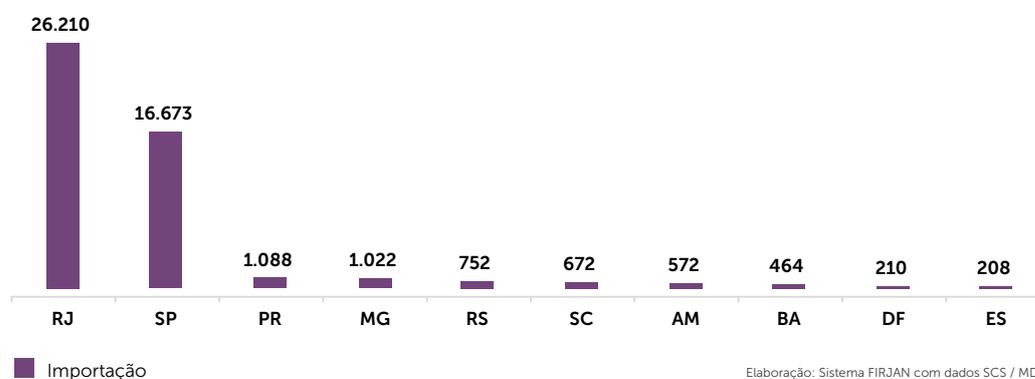


Gráfico 5: Principais Estados Brasileiros Importadores de Serviços (em US\$ milhões)



Tratando-se apenas do estado do Rio de Janeiro, as exportações de serviços foram compostas, principalmente, por: serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social (US\$ 762 milhões, 15%), serviços de manutenção e reparação de produtos metálicos, maquinário e equipamentos (US\$ 726 milhões, 15%) e outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição (US\$ 670 milhões, 13%). Já nas importações, as compras se concentraram em arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador, o que representou 74% (US\$ 19 bilhões). O segundo principal serviço encomendado foi transporte aquaviário de cargas 8,9% (US\$ 2,3 bilhões).

Tabela 9

Exportação de Serviços segundo Principais Serviços - 2014		
Serviços	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)
Exportações	4.995	100,0
1.1401 - Serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social	762	15,2
1.2001 - Serviços de manutenção e reparação de produtos metálicos, maquinário e equipamentos	726	14,5
1.1409 - Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição	670	13,4
1.0905 - Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar	394	7,9
1.1403 - Serviços de engenharia	276	5,5
Demais	2.167	43,4

Elaboração: Sistema FIRJAN com dados SCS / MDIC

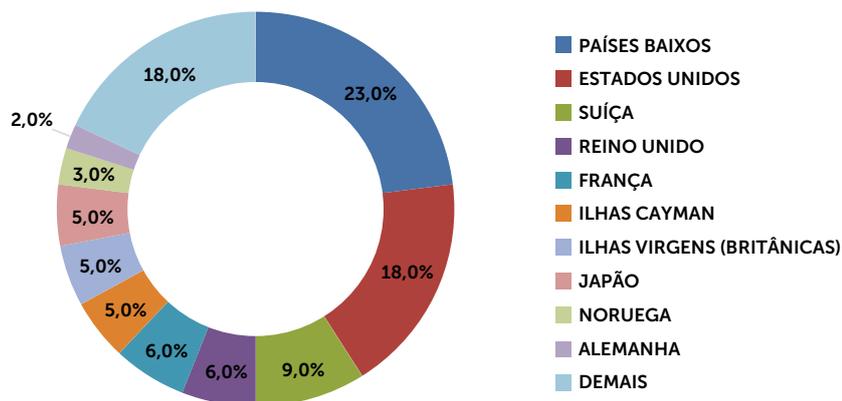
Tabela 10

Importação de Serviços segundo Principais Serviços - 2014		
Serviços	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)
Importações	26.210	100,0
1.1101 - Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador	19.446	74,2
1.0502 - Serviços de transporte aquaviário de cargas	2.329	8,9
1.1103 - Licenciamento de direitos de autor e direitos conexos	1.152	4,4
1.1403 - Serviços de engenharia	388	1,5
1.2701 - Cessão de direitos de autor e direitos conexos	293	1,1
Demais	2.603	9,9

Elaboração: Sistema FIRJAN com dados SCS / MDIC

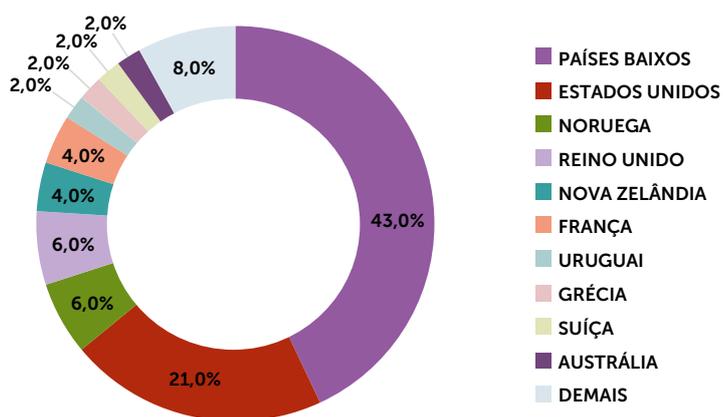
Em termos de parceiros comerciais, a Holanda foi o principal nas exportações (23%) e nas importações (43%). Os Estados Unidos foram o segundo principal em ambas as vias, com, respectivamente, 18% e 21%.

Gráfico 6: Principais Destinos das Exportações Fluminenses de Serviços (participação %)

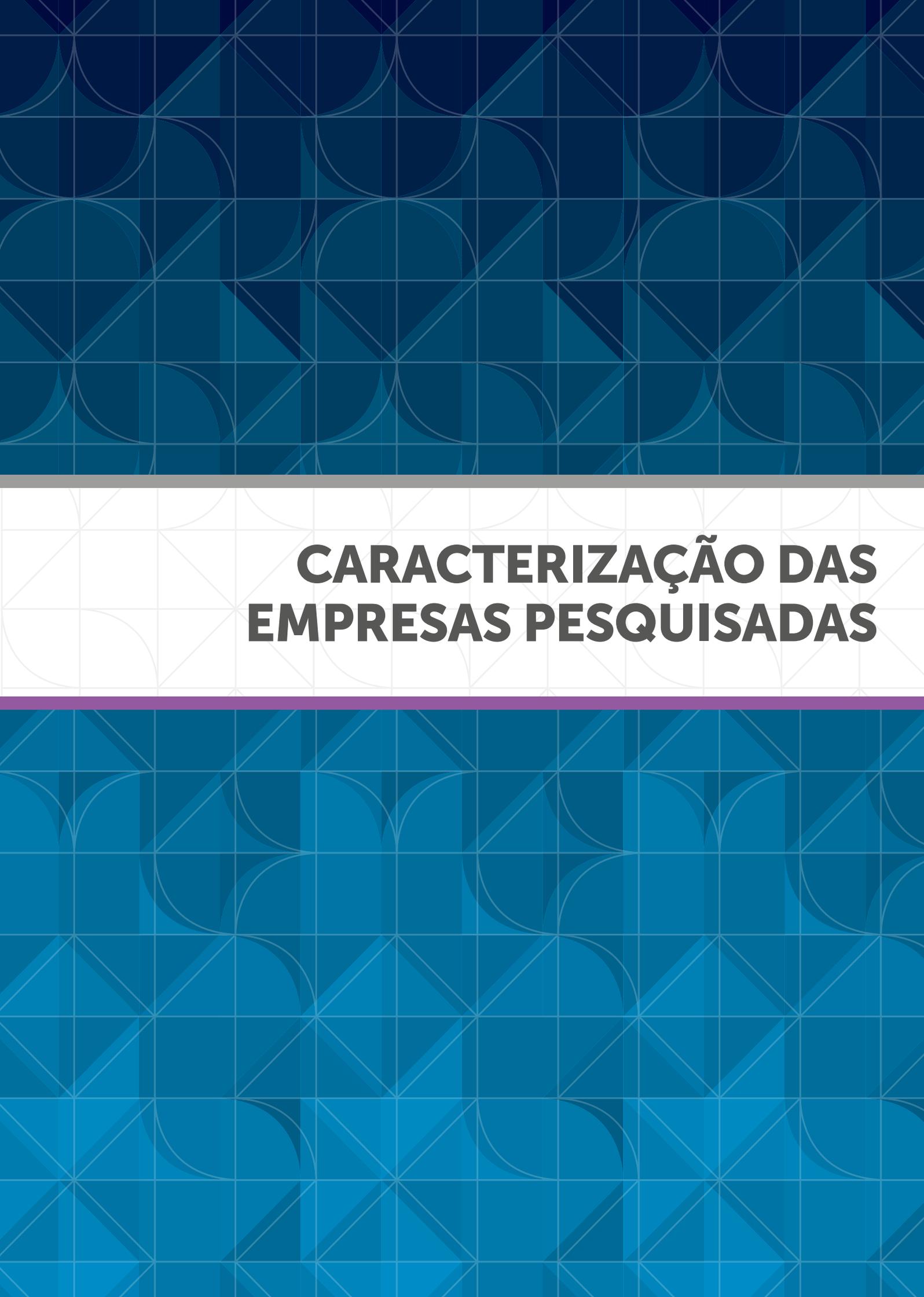


Elaboração: Sistema FIRJAN com dados SCS / MDIC

Gráfico 7: Principais Origens das Importações Fluminenses de Serviços (participação %)



Elaboração: Sistema FIRJAN com dados SCS / MDIC



**CARACTERIZAÇÃO DAS
EMPRESAS PESQUISADAS**

SEÇÃO II: **CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS PESQUISADAS**

Esta seção oferece a caracterização das empresas respondentes ao **Diagnóstico do Comércio Exterior do Estado do Rio** e faz um paralelo com os resultados das duas últimas pesquisas realizadas em 2011 e 2013. Foram estratificados os resultados por porte, setor de atividade, composição de capital, unidade no exterior e representação por região, além da utilização de serviços de despacho aduaneiro. As empresas também foram segmentadas segundo prática de exportação e importação e principais países de origem e destino dos produtos.

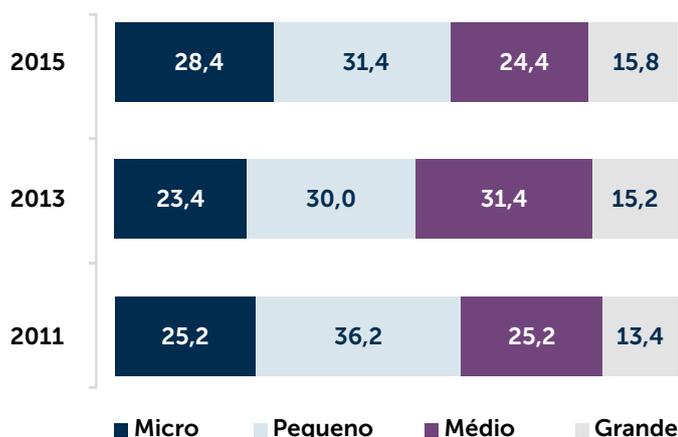
Dentre as empresas participantes, a maior parte que atua no comércio exterior fluminense é de micro e pequeno porte (60%). Em termos de divisão geográfica, as empresas se concentram na capital do Rio de Janeiro (61%) e na Baixada Fluminense (12%). A indústria foi o principal respondente do Diagnóstico, alcançando 79% em 2015. Serviço representou 15% e Comércio 5,5%. A pesquisa atingiu 35 setores econômicos, com destaque para Produtos Químicos e Vestuário e Acessórios, principais respondentes da indústria da transformação.

Entre as empresas que exportam e importam, 73% indicaram que possuem capital exclusivamente nacional e 23,5% indicaram possuir filial no exterior. Estados Unidos, Argentina e Alemanha são destaques entre os países indicados como bases de suas unidades.

Em um universo de 328 respondentes em 2015, recorde entre as edições do Diagnóstico, 233 realizaram exportação (71%), participação acima da pesquisa anterior (63% em 2013). Por sua vez, 251 participantes responderam que importam (76,5%), um recuo com relação a 2013 (82%). Em 2015, das 328 empresas participantes, 77 só exportaram (23%), 95 apenas importaram (25%) e 156 realizaram as duas operações (48%). Os principais parceiros indicados pelas empresas fluminenses foram os Estados Unidos na exportação e a China na importação.

Vale salientar que nove em cada 10 empresas importadoras e exportadoras do estado do Rio de Janeiro utilizam o serviço de despachantes aduaneiros nas suas operações.

Gráfico 8: Perfil das Empresas por Porte (%)



O Gráfico 8 apresenta o perfil das empresas por porte. A estratificação foi feita com base na seguinte classificação do IBGE:

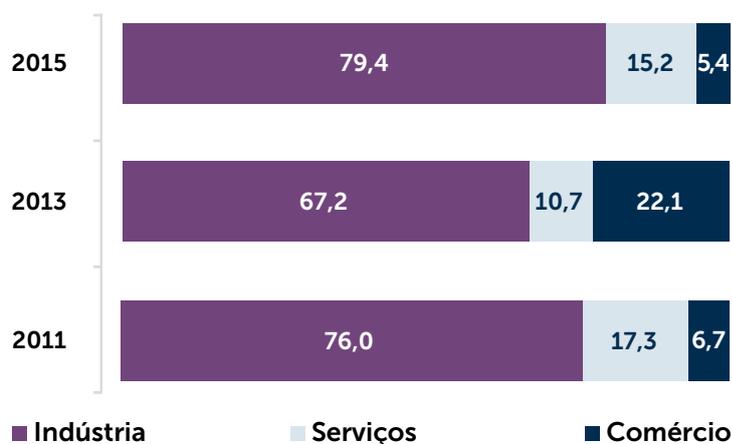
- 1 a 19 empregados: Micro Empresa – 28,4%
- 20 a 99 empregados: Pequena Empresa – 31,4%
- 100 a 499 empregados: Média Empresa – 24,4%
- Mais de 500 empregados: Grande Empresa – 15,8%

Em 2015 houve aumento na proporção de micro e pequenas empresas que responderam o Diagnóstico (60%), comparado a 2013 (53%). As médias e grandes empresas somaram 40%. Nesse quesito, os parâmetros foram semelhantes aos de 2011.

Assim como nos anos anteriores, o setor industrial foi o principal respondente do Diagnóstico, alcançando 79% em 2015. A proporção dos que se classificaram entre o Serviço e o Comércio, de forma espontânea, foi alterada ao longo dos anos, principalmente Comércio, que saiu de 22% em 2013 para 5,4% em 2015. Neste ano, o setor de Serviços representou 15%. Em 2015, a pesquisa atingiu 35 setores, 9% a mais que em 2013, alcançando ampla representatividade da indústria fluminense.

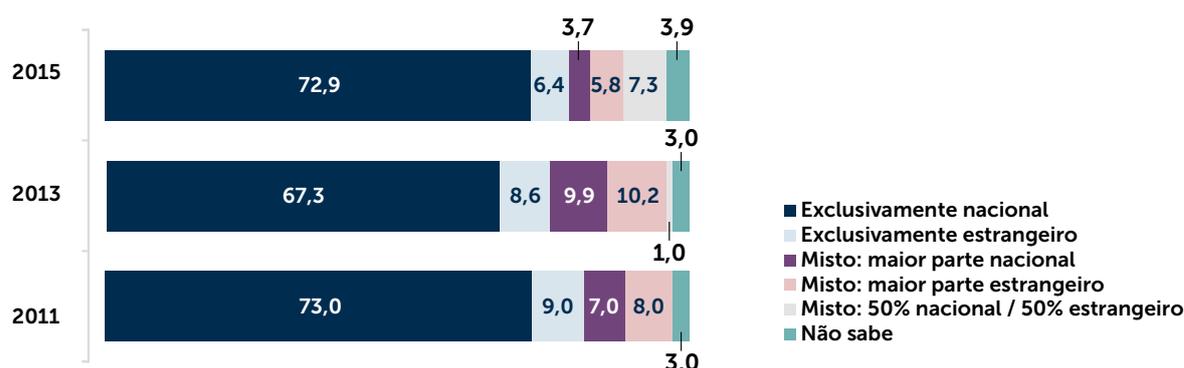
A Tabela a seguir apresenta as empresas da Indústria da Transformação segundo setores da CNAE 2.0. Produtos Químicos (10,4%) e Vestuário e Acessórios (6,7%) contribuíram de forma mais destacada ao longo dos anos.

Gráfico 9: Principais Setores de Atividade (%)



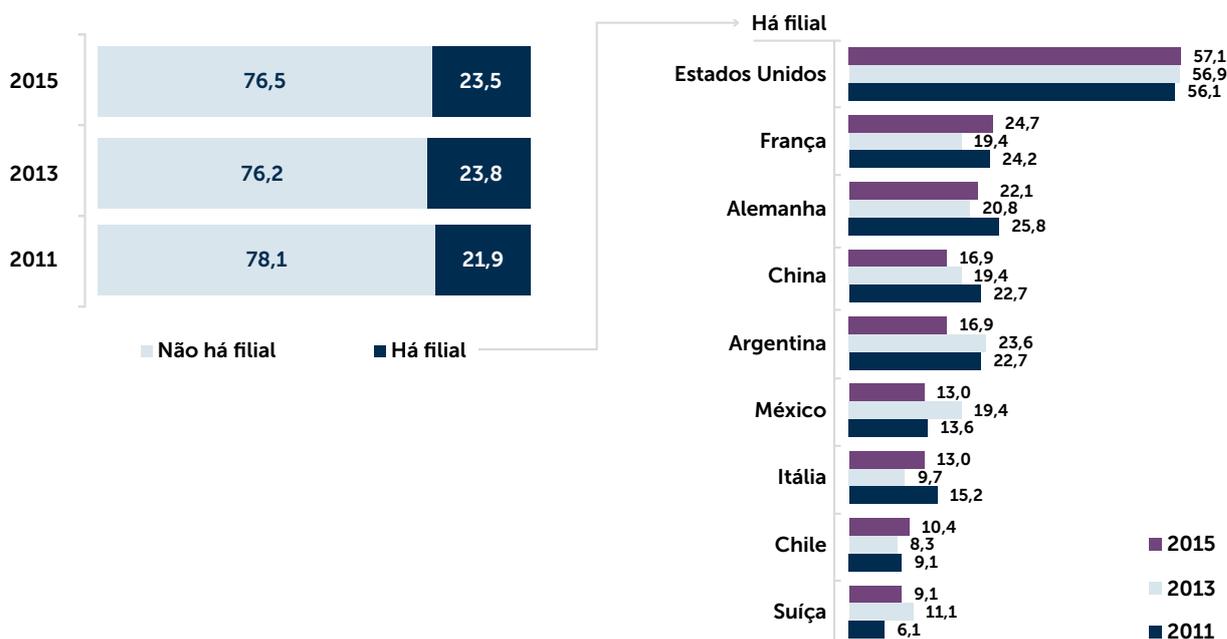
Indústria	2015	2013	2011
Produtos Químicos	10,4	9,6	8,6
Vestuário e Acessórios	6,7	10,2	7,6
Metalurgia Básica	6,7	2,6	7,3
Borracha e Plástico	6,4	3,6	5,3
Farmacêuticos	5,8	4,6	3,7
Alimentos e Bebidas	5,8	4,0	6,3
Produtos Têxteis	5,5	2,3	5,3
Produtos de Metal	4,3	4,0	6,0
Máquinas e Equipamentos	4,0	3,6	3,3
Refino e Combustível Nuclear	4,0	0,3	1,3
Minerais não Metálicos	3,7	3,6	1,3
Produtos Diversos	3,4	2,6	0,0
Construção Civil	3,0	3,0	1,3
Edição e Impressão	2,4	4,0	4,7
Material Eletr., Equip. Inf., Com. e Ópticos	1,8	0,3	0,7
Máq., Apar., Material Elétrico	0,9	2,0	2,7
Outro	4,6	6,9	10,6
Total	79,4	67,2	76,0

Gráfico 10: Composição de Capital (%)



Em 2015, 73% das empresas fluminenses que atuam no comércio exterior indicaram ter capital exclusivamente nacional, resultado semelhante aos dois anos anteriores. Por outro lado, o percentual das empresas que alegam ter capital misto saiu de 15% em 2011 para 21% em 2013 e retornou para 17% em 2015. As empresas que indicaram composição de capital exclusivamente estrangeiro reduziram para 6% em 2015.

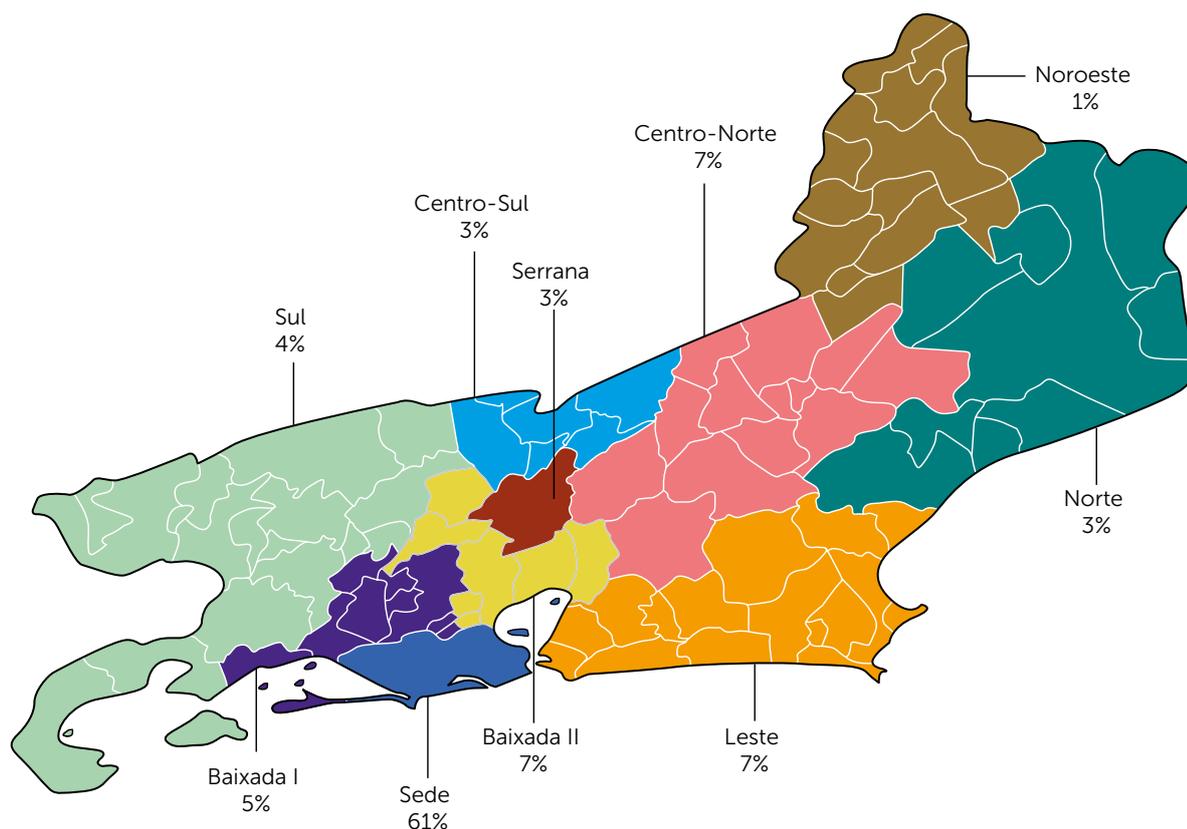
Gráfico 11: Filial no Exterior (%)



Obs: o gráfico representa soma das citações de cada variável pelas respondentes, que puderam selecionar mais de 1 país. Por isso, o total é superior a 100%

Nas três edições do Diagnóstico, as empresas mantiveram a proporção quanto à existência de filiais no exterior, que em 2015 foi de 23,5%. Estados Unidos, França, Alemanha, China e Argentina continuam sendo destaques entre os indicados como bases de suas unidades. No entanto, China e, principalmente, Argentina apresentaram redução de citações entre 2015 e 2013. Por sua vez, em 2015, 76,5% das empresas indicaram não ter filial no exterior.

Figura 1: Representação Regional



Este mapa mostra as empresas exportadoras e importadoras estratificadas de acordo com as regiões do estado do Rio de Janeiro segundo Representações Regionais do Sistema FIRJAN². A grande concentração de empresas na capital do Rio de Janeiro se manteve em 2015, com 61% dos participantes do Diagnóstico. As áreas I e II da Baixada Fluminense representaram juntas 12%. O Leste e o Centro-Norte Fluminense tiveram, cada, 7% dos respondentes.

²**MUNICÍPIOS:**

NOROESTE FLUMINENSE: Italva, Varre Sai, Porciúncula, Natividade, Bom Jesus do Itabapoana, Itaperuna, Laje do Muriaé, Miracema, Santo Antônio de Pádua, São José de Ubá, Cambuci, Itaocara, Aperibé.

NORTE FLUMINENSE: Cardoso Moreira, Campos dos Goytacazes, São Francisco de Itabapoana, São João da Barra, Quissamã, Conceição de Macabu, Carapebus, Macaé, São Fidélis.

CENTRO-NORTE FLUMINENSE: Carmo, Cantagalo, São Sebastião do Alto, Santa Maria Madalena, Macuco, Cordeiro, Duas Barras, Sumidouro, Bom Jardim, Trajano de Moraes, Teresópolis, Nova Friburgo, Cachoeiras de Macacu.

CENTRO-SUL FLUMINENSE: Sapucaia, Três Rios, Paraíba do Sul, Areal, São José do Vale do Rio Preto, Comendador Levy Gasparian.

LESTE FLUMINENSE: Rio das Ostras, Casimiro de Abreu, Silva Jardim, Armação de Búzios, São Pedro da Aldeia, Araruama, Rio Bonito, Saquarema, Cabo Frio, Arraial do Cabo, Tanguá, Itaboraí, Maricá, Niterói, São Gonçalo, Iguaba Grande.

SERRANA: Petrópolis.

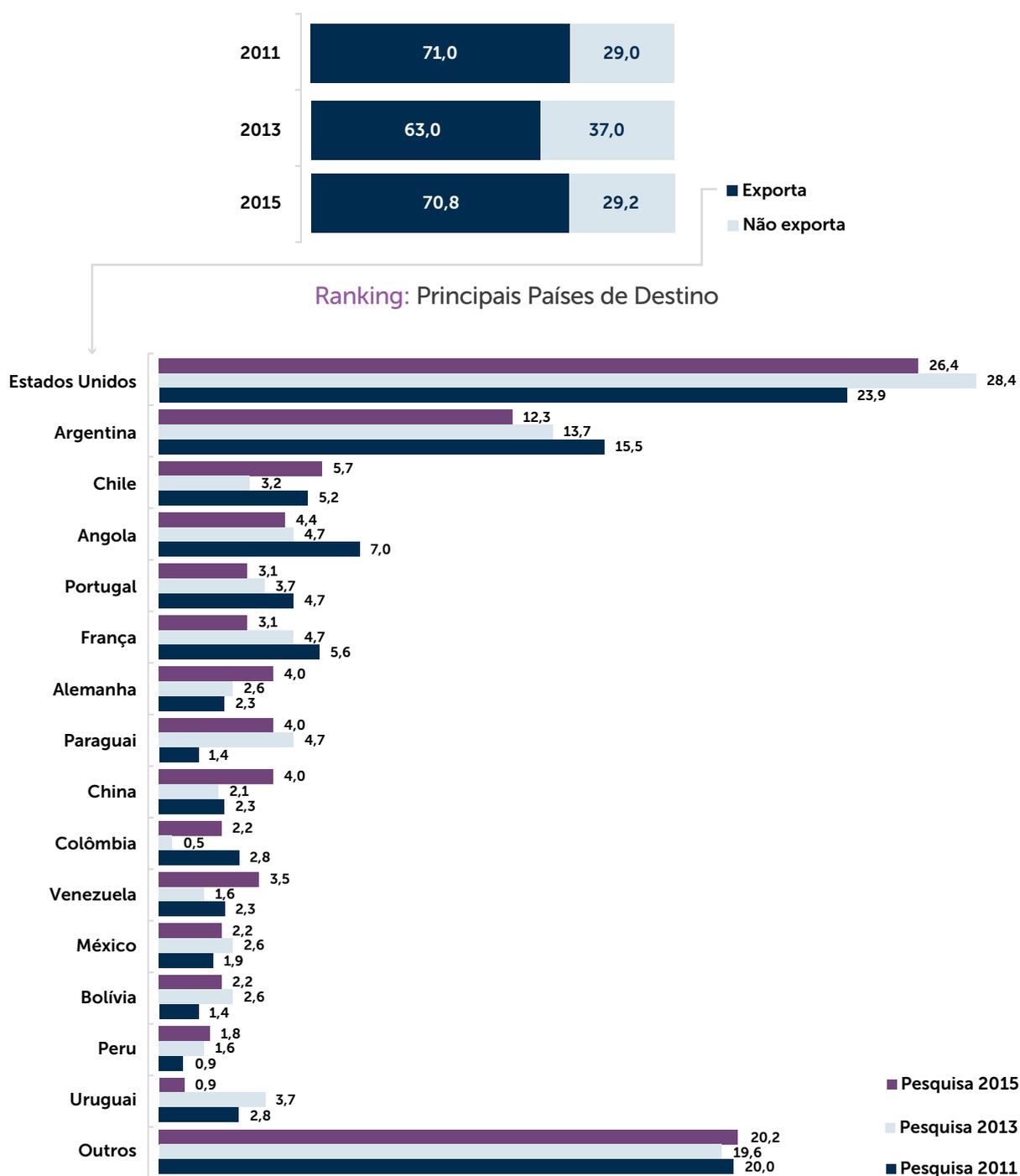
BAIXADA FLUMINENSE ÁREA I: Mangaratiba, Itaguaí, Seropédica, Queimados, Japeri, Nova Iguaçu, Mesquita, Nilópolis, Paracambi.

BAIXADA FLUMINENSE ÁREA II: Duque de Caxias, Paty do Alferes, Miguel Pereira, Belford Roxo, São João de Meriti, Magé, Guapimirim.

SEDE: Rio de Janeiro – Capital.

SUL FLUMINENSE: Rio das Flores, Valença, Vassouras, Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Pirai, Pinheiral, Rio Claro, Barra Mansa, Volta Redonda, Barra do Piraí, Quatis, Porto Real, Resende, Itatiaia, Parati, Angra dos Reis.

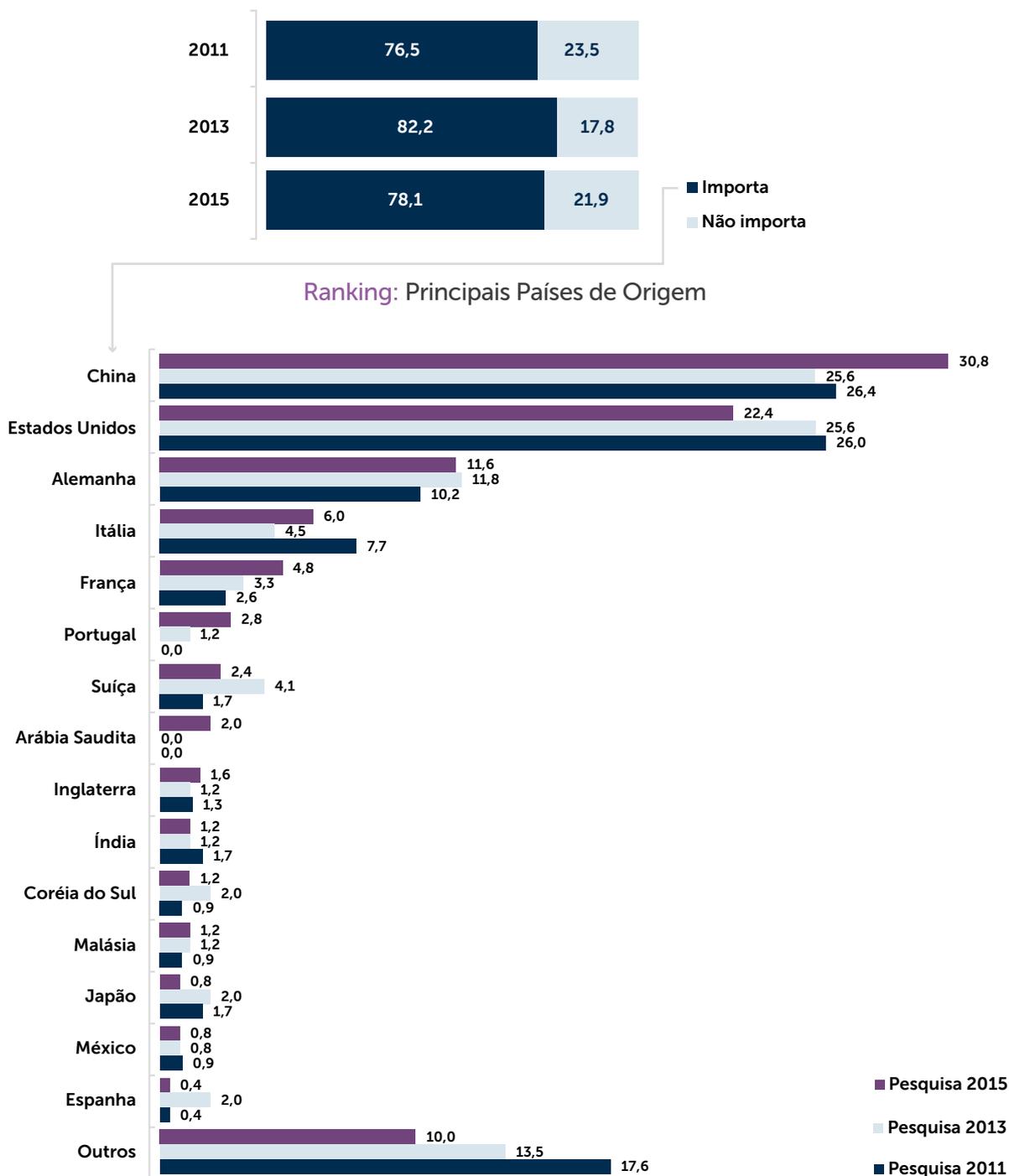
Gráfico 12: Prática Exportadora (%) - A empresa realiza exportações?



No Diagnóstico de 2015, em um universo de 328 respondentes, 71% das empresas realizam exportações, apresentando aumento quando comparado aos 63% de 2013. Entre os principais países de destino, Estados Unidos e Argentina se mantiveram como 1º e 2º mais citados nas três edições da pesquisa. Em 2015, o Chile apresentou leve aumento e passou para a 3ª colocação e Angola ficou como 4º principal país de destino das exportações fluminenses.

A indicação dos Estados Unidos como principal destino das exportações fluminenses nas edições do Diagnóstico é confirmada pelos dados estatísticos do estado. Além disso, cabe destacar a importância dos países da América Latina para os empresários fluminenses, que representam nove dos 15 (60%) principais destinos de exportação indicados pelas empresas.

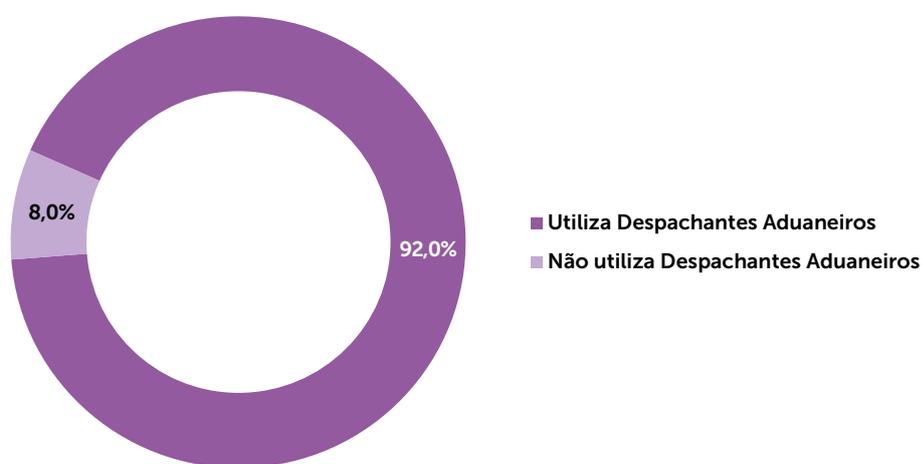
Gráfico 13: Prática Importadora (%) - A empresa realiza importações?



Com base na resposta de 328 empresas, 76,5% indicaram realizar importações, um pouco abaixo do observado em 2013 e 2011. Enquanto no Diagnóstico de 2013, a China e os Estados Unidos tiveram o mesmo percentual de indicação como principais países de origem das importações fluminenses, em 2015, a China assumiu a liderança com 31% e os EUA ficaram na 2ª colocação com 22%. Nas estatísticas de importação do estado do Rio de Janeiro em 2014, os Estados Unidos foram a principal origem e a China ficou com a 3ª colocação.

Diferentemente dos países de destino das exportações, onde se destacam os latino-americanos, entre os países de origem das importações o destaque é para os europeus e asiáticos.

Gráfico 14: Utilização dos serviços de despachantes aduaneiros



Pela primeira vez no Diagnóstico, as empresas fluminenses foram questionadas quanto aos serviços de despachantes aduaneiros nas suas operações de comércio exterior e 92% das empresas indicaram que utilizam.



**PERFIL DAS EMPRESAS
EXPORTADORAS**

SEÇÃO III: **PERFIL DAS EMPRESAS EXPORTADORAS**

A seção III apresenta o perfil das empresas exportadoras. As respostas descrevem tanto valores e questões operacionais quanto entraves enfrentados pelas empresas na atividade exportadora e suas expectativas. Além disso, foi possível comparar alguns resultados com os Diagnósticos realizados em 2013 e 2011.

Na primeira parte serão apresentados os resultados segundo frequência e principal forma de embarque das operações, valor total das exportações e participação no faturamento da empresa. O Diagnóstico também apresentará o resultado das empresas quanto à utilização dos Regimes Aduaneiros Especiais e aos mecanismos de financiamento às exportações.

Entre as empresas respondentes desta seção (233 exportadoras), a maior parte (61%) exporta continuamente há pelo menos cinco anos sem interrupções e a principal forma de embarque é a marítima, mencionada por 52% das exportadoras. Para uma em cada três empresas (33,5%), o valor total das exportações FOB é de até US\$ 99 mil. Em termos de faturamento, para quatro em cada 10 empresas (40%), a participação das exportações é de até 10%.

Na segunda parte dessa seção, as empresas citaram os principais entraves às exportações e indicaram quais devem ser tratados pelo Governo com prioridade. Por fim, as empresas fizeram o exercício de indicar o crescimento em suas exportações caso os entraves fossem superados.

A maior parte das empresas, sete em cada 10, indicaram que há entraves para suas exportações, sendo a burocracia alfandegária ou aduaneira o principal deles, que também foi apontada como o entrave que deveria ser prioritariamente combatido pelo governo.

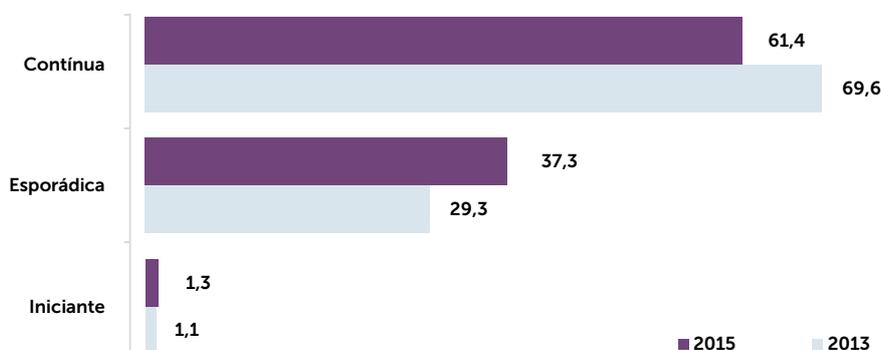
Considerando que a burocracia foi constantemente apontada como principal obstáculo em uma pergunta inédita, as empresas detalharam seus processos e indicaram o desembaraço aduaneiro como o que mais afeta de forma negativa suas exportações.

Como principal problema nas operações portuárias e aeroportuárias, foi indicado o tempo de movimentação das cargas no porto. Dentre os órgãos que mais afetam a competitividade das empresas, a Receita Federal do Brasil foi citada por 40% dos respondentes e a Argentina foi o país com o qual as empresas encontraram mais dificuldade no processo de exportação.

Apesar da premissa mundialmente aceita de que as exportações devem ser desoneradas de tributos, uma em cada três empresas fluminenses indicou que os impostos afetam sua competitividade, sendo o ICMS o principal deles.

Diante de tantos entraves, a grande maioria das empresas (86%) indicou possível incremento em suas exportações caso as dificuldades mencionadas fossem superadas, sendo que a maior parte (65%) estimou crescimento de até 30%.

Gráfico 15: Frequência das Exportações (%)



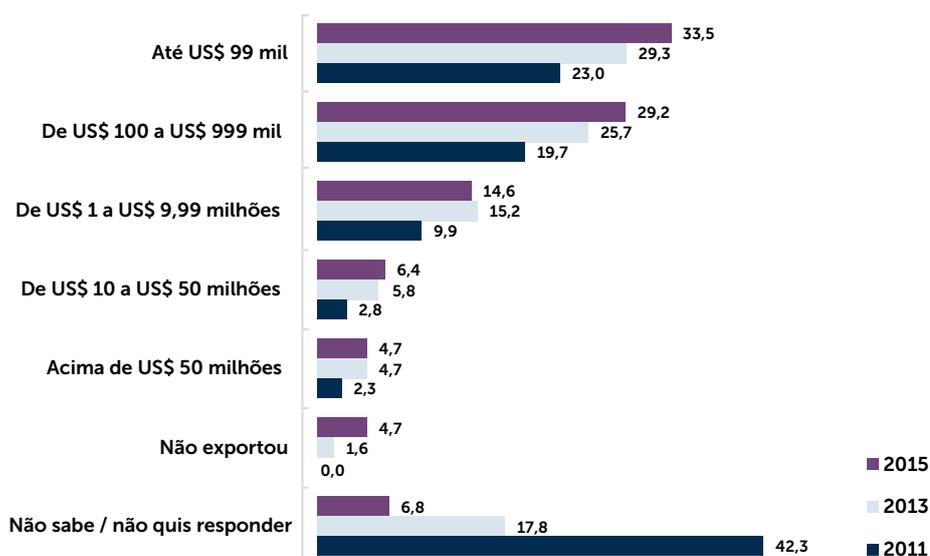
As empresas que exportam continuamente, sem interrupções, continuam sendo as mais participativas no Diagnóstico, atingindo 61% em 2015, apesar do recuo frente a 2013 (70%). Trinta e sete por cento fizeram exportações esporádicas em pelo menos dois dos últimos cinco anos. As empresas iniciantes, que fizeram sua primeira exportação em 2014, representam apenas 1,3%.

Gráfico 16: Principal Forma de Embarque das Operações de Exportações (%)



A distribuição entre as formas de embarque das exportações fluminenses permaneceu semelhante ao longo dos três últimos Diagnósticos. Nota-se uma leve redução do modal rodoviário e uma maior concentração no marítimo. Em 2015, a distribuição ficou da seguinte forma: 52% marítimo, 37% aérea, 10% rodoviária.

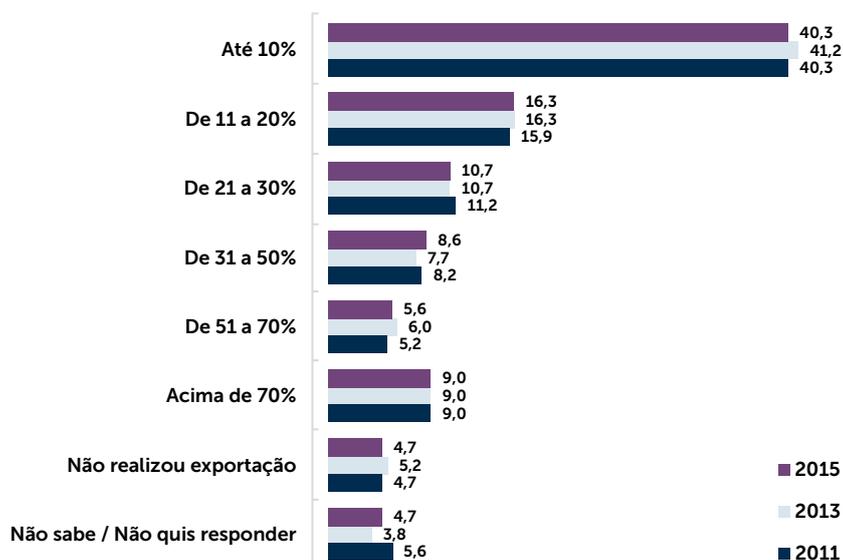
Gráfico 17: Valor Total das Exportações FOB (%)



As empresas responderam os totais exportados nos anos anteriores às pesquisas segundo faixas de valor (US\$) - FOB. A maior parte das empresas fluminenses se concentra nas primeiras faixas de exportação, até US\$ 999 mil, alcançando 63% em 2015. Quinze por cento exportaram na faixa de US\$ 1 a US\$ 9,99 milhões e 5% acima de US\$ 50 milhões.

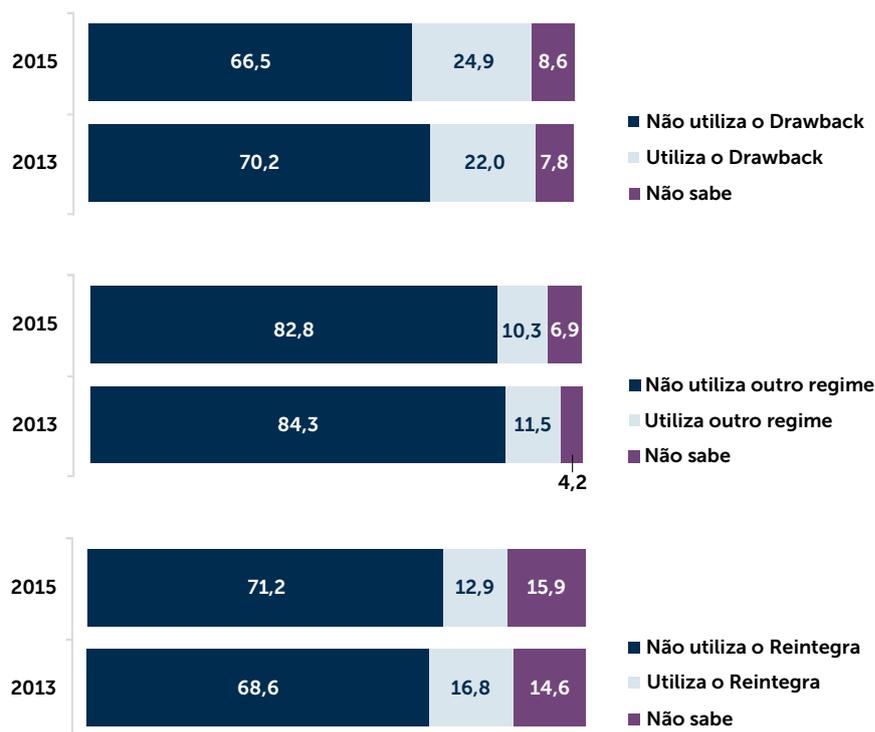
Este resultado corresponde diretamente ao perfil de empresas por porte apresentado no Gráfico 8, demonstrando que 60% são micro e pequenas empresas, 24% médias empresas e 16% grandes.

Gráfico 18: Participação das Exportações no Faturamento da Empresa (%)



O Gráfico anterior apresenta a estratificação dos últimos três anos da participação das exportações no faturamento da empresa. No período analisado, houve manutenção dos percentuais declarados pelas empresas. Para a maior parte (40%), o faturamento das exportações representa até 10% do faturamento das empresas. As empresas que têm a maior parte do seu faturamento com exportação, acima de 51%, somaram 15% em 2014.

Gráfico 19: Utilização dos Regimes Aduaneiros Especiais (%)



Questionamos as empresas quanto à utilização dos Regimes Aduaneiros Especiais³. Com relação ao Drawback⁴, 25% das empresas indicaram que utilizam o regime, um pouco acima dos resultados de 2013. Essa proporção está de acordo com os resultados apresentados pelo MDIC: em 2014, 23% do total das exportações brasileiras foram amparadas pelo Drawback.

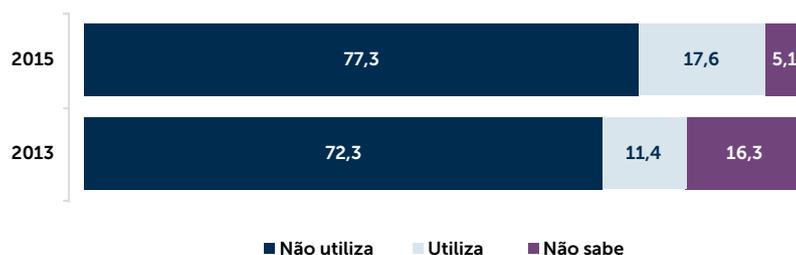
Para um maior detalhamento, as empresas indicaram se utilizaram outro Regime Aduaneiro Especial. Dentre os 10% que responderam positivamente, as principais modalidades são Entrepasto Aduaneiro (29%), Admissão Temporária (25%) e Repetro (20%).

³ Os Regimes Aduaneiros Especiais não se adequam à regra geral do regime comum de importação ou exportação. Apresentam como característica comum a exceção à regra geral de aplicação de impostos exigidos na importação de bens estrangeiros ou na exportação de bens nacionais (regimes comuns de importação e de exportação), além da possibilidade de tratamento diferenciado nos controles aduaneiros.

⁴ Drawback é o Regime Aduaneiro Especial que permite as empresas importar ou comprar no mercado nacional peças, componentes, matérias-primas e outros insumos, com suspensão ou isenção de tributos alfandegários, para fabricar produtos destinados à exportação.

Por fim, as empresas foram questionadas sobre a utilização do Reintegra - Regime Especial de Reintegração de Valores Tributários para as Empresas Exportadoras. Percebe-se, como nos itens anteriores, a baixa adesão das empresas fluminenses a esses programas. No caso do Reintegra, o percentual ainda caiu de 17% em 2013 para 13% em 2015. Cabe ressaltar que nos últimos anos o programa sofreu algumas alterações, o que pode ter impactado o resultado.

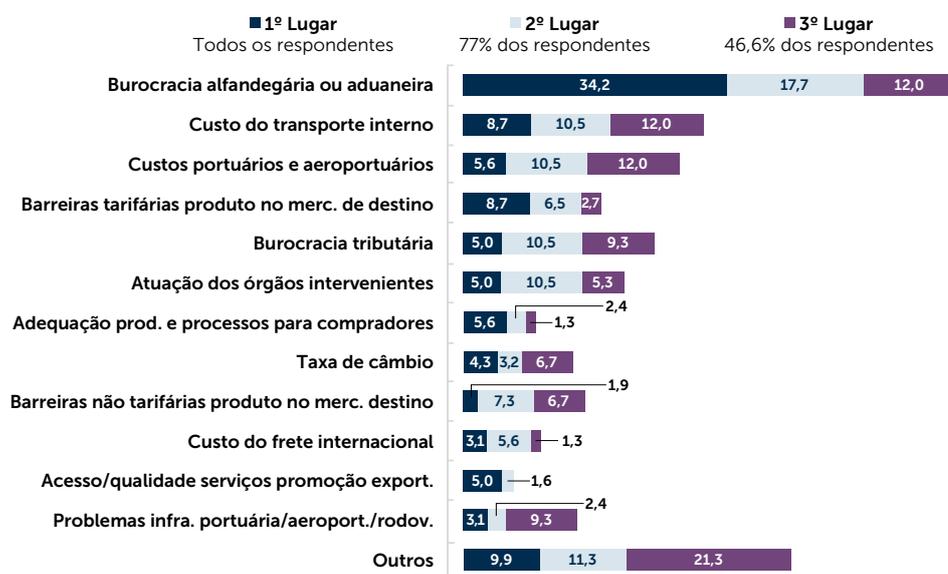
Gráfico 20: Utilização dos Mecanismos de Financiamento às Exportações (%)



Em 2015, 77% das empresas indicaram não utilizar mecanismos de financiamento à exportação, acima dos 72% de 2013. O percentual das que utilizaram (18%) também foi superior ao apresentado na pesquisa anterior. O montante das respondentes que declararam que não sabiam reduziu de 16% para 5% em 2015.

Dentre as empresas que utilizam os mecanismos de financiamento às exportações, 18% em 2015, os principais instrumentos são o ACC – Adiantamento de Contrato de Câmbio (8%) e o ACE – Adiantamento de Cambiais Entregues (5%).

Gráfico 21: Principais Entraves às Exportações (%)



Quadro comparativo

Total de Respondentes (%)			
Barreiras	2015	2013	2011
Burocracia alfandegária ou aduaneira	53,4	33,8	33,5
Custo do transporte interno	22,4	8,8	8,4
Custos portuários e aeroportuários	19,3	8,8	11,7
Barreiras tarifárias ao produto no mercado de destino	14,9	2,2	0,6
Burocracia tributária	17,4	0,7	3,9
Atuação dos órgãos intervenientes	15,5	4,4	5,6
Adequação de produtos e processos	8,1	0,7	8,4
Taxa de câmbio	9,9	16,2	33,0
Barreiras não tarifárias ao produto no mercado de destino	10,6	2,2	0,6
Custo do frete internacional	8,1	12,5	8,9
Acesso/qualidade serviços promoção export.	6,2	14,0	5,6
Problemas infraestrutura portuária, aeroportuária e rodoviária	9,3	25,7	19,6
Outros	28,6	7,1	55,3

Obs: a tabela representa a soma das citações de cada variável pelas respondentes, independentemente se nos 1º, 2º ou 3º lugares. Por isso, o total é superior a 100%.

Em 2015, sete em cada 10 empresas fluminenses (69%) afirmaram que enfrentam barreiras no seu processo de exportação. O resultado aponta uma ligeira queda com relação ao Diagnóstico de 2011 (84%) e 2013 (71%).

Para detalhar, os respondentes foram questionados quanto aos três principais entraves, sendo o 1º lugar aquele que mais atrapalha seu processo. Destes, a burocracia alfandegária ou aduaneira foi o entrave indicado em 1º lugar por um total de 34% das empresas em 2015, seguido pelo custo do transporte interno (9%) e das barreiras tarifárias aos produtos no mercado de destino (9%).

Com relação aos Diagnósticos anteriores, nota-se um aumento considerável das empresas que citaram a burocracia alfandegária ou aduaneira entre os três principais entraves, de 33,5% em 2011 e 2013 para 53% em 2015. O mesmo ocorre com os custos do transporte interno e custos portuários e aeroportuários, que saltaram para indicações em torno de 9% para 20% em 2015.

No entanto, as citações com relação às barreiras não tarifárias ao produto no mercado de destino tiveram um crescimento muito expressivo, de 0,6% em 2011 para 11% em 2015,

consolidando a importância crescente do tema. O mesmo aumento foi registrado na burocracia tributária, indicada por 17% das empresas em 2015, mesmo levando em conta que o Brasil adota o princípio mundialmente aceito de não exportação de tributos.

Gráfico 22: Principais Processos da Burocracia Alfandegária e Aduaneira que afetaram negativamente as Operações de Exportações (%)



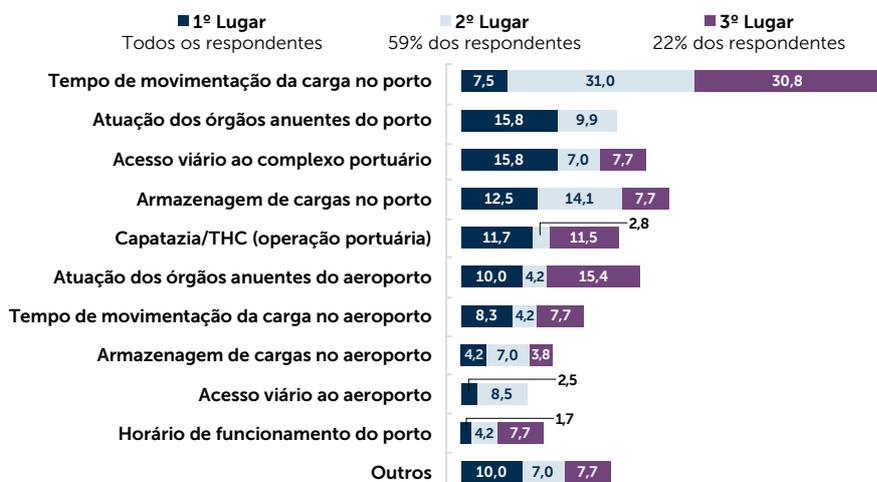
Processos	Total de Respondentes (%)
Liberação de cargas/desembaraço aduaneiro	44,9
Inspeção física de mercadorias	35,7
Obtenção de anuência pelos órgãos competentes	17,3
Processamento/preenchimento de documentos	16,3
Pagamentos de taxas aduaneiras	16,3
Parametrização	15,3
Obtenção de certificados	13,3
Outros	12,2

Obs: a tabela representa a soma das citações de cada variável pelas respondentes, independentemente se nos 1º, 2º ou 3º lugares. Por isso, o total é superior a 100%.

Considerando que nos Diagnósticos anteriores a burocracia alfandegária e aduaneira foi apontada como o principal entrave para a exportação das empresas fluminenses, detalhamos os processos que afetam negativamente essas operações.

A inspeção física da mercadoria foi citada por 26,5% das empresas como o processo que mais afeta as exportações, seguida pelo desembaraço aduaneiro, citado em 1º lugar por 18% das empresas. Este último também foi o mais citado entre os principais processos por 45% dos respondentes.

Gráfico 23: Principais Barreiras que afetaram as Exportações nas Operações Portuárias e Aeroportuárias (%)



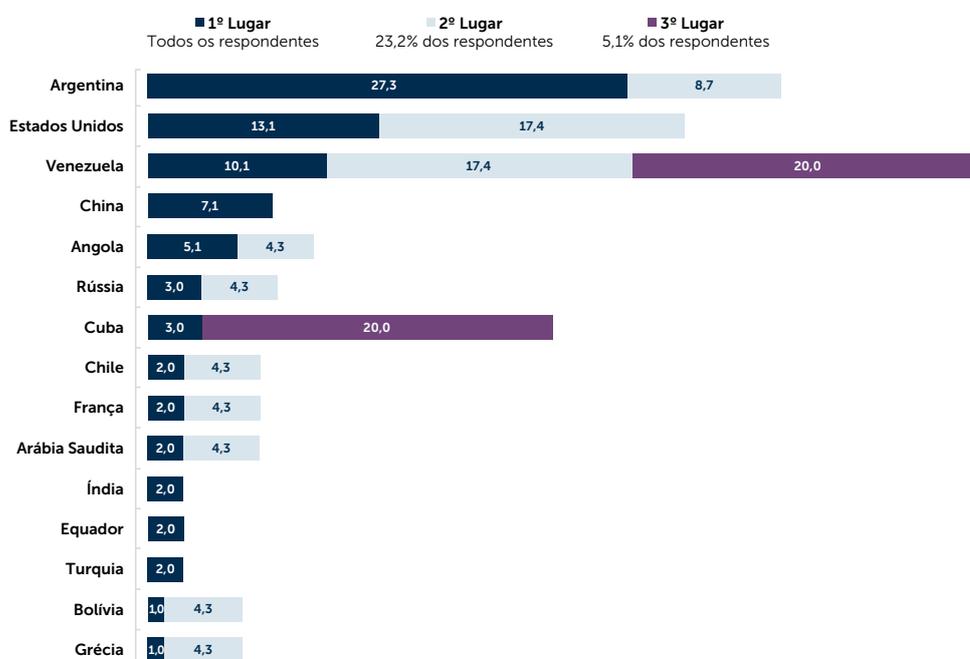
Barreiras	Total de Respondentes (%)
Tempo de movimentação da carga no porto	32,5
Atuação dos órgãos anuentes do porto	21,7
Acesso viário ao complexo portuário	21,7
Armazenagem de cargas no porto	22,5
Capatazia/THC (operação portuária)	15,8
Atuação dos órgãos anuentes do aeroporto	15,8
Tempo de movimentação da carga no aeroporto	12,5
Armazenagem de cargas no aeroporto	9,2
Acesso viário ao aeroporto	7,5
Horário de funcionamento do porto	5,8
Custo operacional	4,2
Horário de funcionamento do aeroporto	3,3
Roubo/furto de carga no porto	2,5
Outros	5,8

Obs: a tabela representa a soma das citações de cada variável pelas respondentes, independentemente se nos 1º, 2º ou 3º lugares. Por isso, o total é superior a 100%.

No Gráfico acima, as empresas identificaram as três principais dificuldades nas operações portuárias e aeroportuárias, sendo o 1º lugar aquele que mais atrapalha sua operação. Observa-se que os problemas portuários receberam mais indicações do que os aeroportuários. A atuação dos órgãos anuentes no porto e o acesso viário ao porto foram os que mais receberam indicação como principal entrave (16%). No entanto, o tempo de movimentação da carga no porto foi o mais citado pelas empresas entre as três principais dificuldades.

Cabe salientar que, apesar de alterações em algumas variáveis dificultarem a comparação com o Diagnóstico de 2013, o tempo de movimentação e a atuação dos órgãos anuentes no porto já tinham sido apontados como os principais problemas na pesquisa anterior.

Gráfico 24: Países com mais Dificuldades no Processo de Exportação (%)



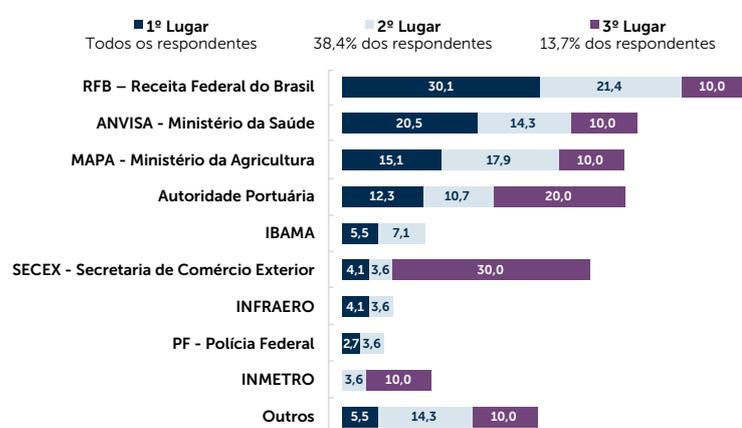
Países	Total de Respondentes (%)	
	2015	2013
Argentina	29,3	24,1
Estados Unidos	17,2	9,2
Venezuela	15,2	17,2
China	7,1	4,6
Angola	6,1	4,6
Rússia	4,0	1,1
Cuba	4,0	2,3
Chile	3,0	3,4
França	3,0	0,0
Arábia Saudita	3,0	1,1
Índia	2,0	1,1
Equador	2,0	0,0
Turquia	2,0	0,0
Bolívia	2,0	5,7
Grécia	2,0	1,1

Obs: a tabela representa a soma das citações de cada variável pelas respondentes, independentemente se nos 1º, 2º ou 3º lugares. Por isso, o total é superior a 100%.

As empresas indicaram os países com os quais tiveram mais dificuldade no processo de exportação, sendo o 1º lugar aquele que mais encontrou dificuldade. Em 2015, a Argentina foi citada em primeiro lugar por 27% das empresas, seguida pelos Estados Unidos com 13% e Venezuela com 10%. Desta forma, o Mercosul, acordo do qual fazem parte Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Venezuela, liderou as indicações com dois países no topo da lista.

Com relação ao total de respondentes, os dois últimos Diagnósticos mantiveram os mesmos países como os mais citados entre os três principais países de destino. No entanto, cabe ressaltar o aumento das indicações dos Estados Unidos: o principal destino das exportações fluminenses alcançou 17% das indicações em 2015, frente aos 9% de 2013.

Gráfico 25: Órgãos Intervenientes que mais afetam as Exportações (%)



Quadro comparativo

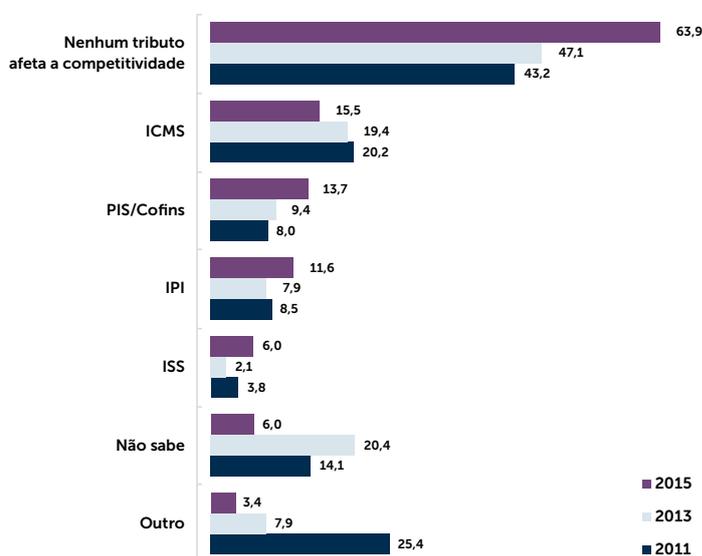
Órgãos	Total de Respondentes (%)		
	2015	2013	2011
RFB – Receita Federal do Brasil	39,7	43,3	33,3
ANVISA - Ministério da Saúde	27,4	13,3	15,2
MAPA - Ministério da Agricultura	23,3	13,3	24,2
Autoridade Portuária	19,2	20,0	9,1
IBAMA	8,2	10,0	6,1
SECEX - Secretaria de Comércio Exterior	9,6	6,7	9,1
INFRAERO	5,5	3,3	6,1
PF - Polícia Federal	4,1	0,0	3,0
INMETRO	2,7	3,3	0,0
Outros	12,3	20,0	42,4

Obs: a tabela representa a soma das citações de cada variável pelas respondentes, independentemente se nos 1º, 2º ou 3º lugares. Por isso, o total é superior a 100%.

O Gráfico anterior apresenta, em ordem de dificuldade, os órgãos que mais afetaram as exportações das empresas fluminenses. Em 2015, dentre as que identificaram dificuldades, a Receita Federal do Brasil foi o órgão mais citado em primeiro lugar (30%). Em seguida, a ANVISA foi citada como o principal por 20,5% e o MAPA por 15% das empresas.

Comparando o total dos respondentes com as pesquisas anteriores, a Receita Federal continua como a mais citada entre os três principais intervenientes (40%). A ANVISA e o MAPA ultrapassaram a Autoridade Portuária e tornaram-se respectivamente o segundo (27%) e o terceiro (23%) órgãos mais citados entre os intervenientes que mais afetam de forma negativa as exportações fluminenses.

Gráfico 26: Tributos que mais afetam a Competitividade (%)

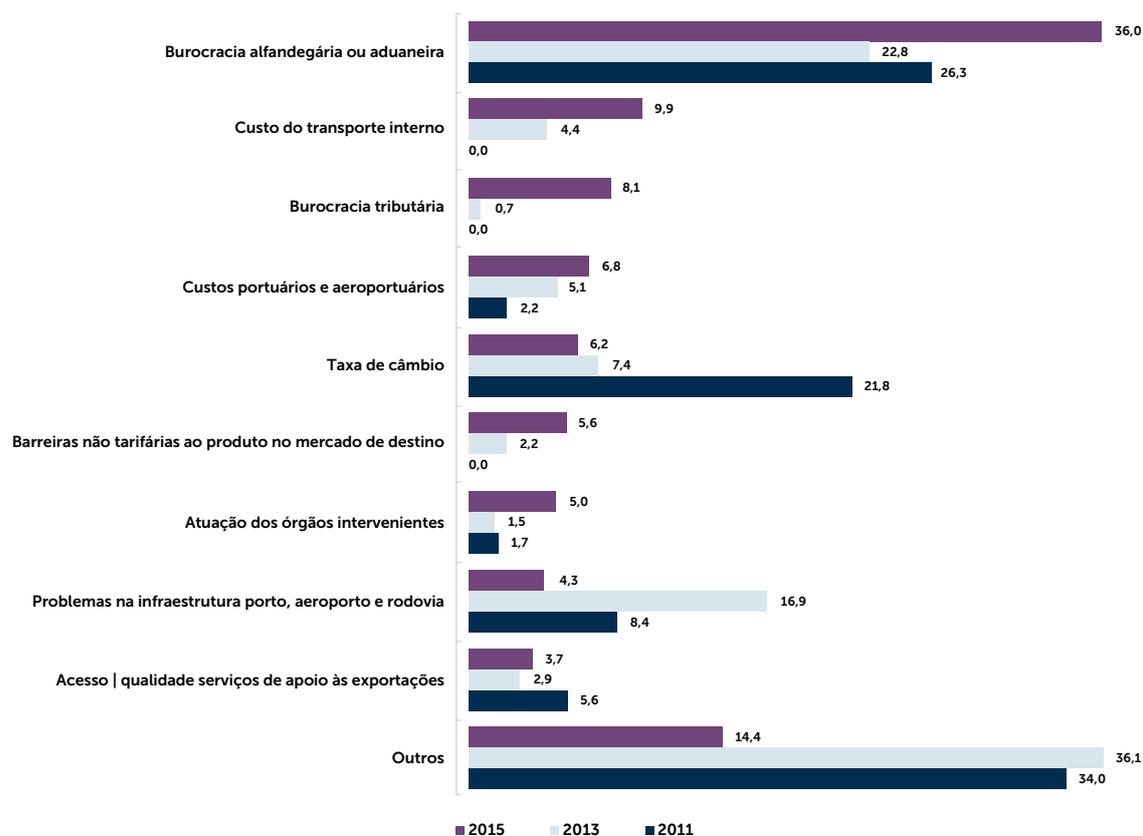


Apesar da Organização Mundial de Comércio (OMC) reconhecer a premissa de desoneração das exportações, a complexidade operacional do sistema tributário brasileiro faz que com que alguns tributos afetem a competitividade exportadora para uma em cada três empresas fluminenses (31%). Essa proporção é semelhante das pesquisas anteriores: 32,5% em 2013 e 43% em 2011.

O ICMS continua sendo o tributo que mais afeta a competitividade exportadora das empresas fluminenses (15,5%), apesar da queda com relação aos anos anteriores. Nota-se aumento das empresas que citaram o PIS/Cofins (14%) e o IPI em 2015 (12%).

O aumento, em 2015, das empresas que indicaram que nenhum tributo afeta sua competitividade, 64% em 2015 contra 47% em 2013, foi acarretado, principalmente, pelo menor número de empresas que responderam “não sabe”.

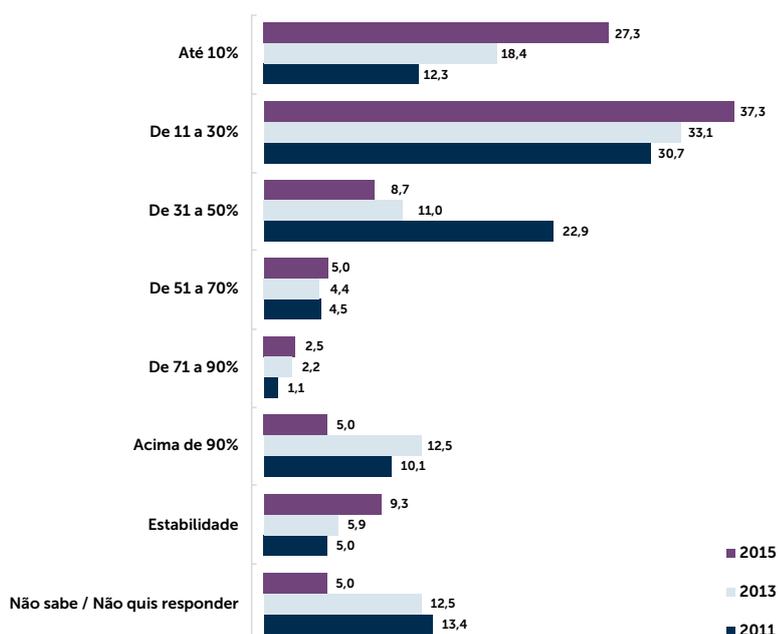
Gráfico 27: Principais Entraves a serem combatidos pelo Governo (%)



Considerando que a maior parte das empresas fluminenses enfrenta grande número de entraves nas exportações, identificamos no Gráfico acima os resultados das barreiras ao comércio exterior que devem ser prioritariamente eliminadas pelo Governo. A burocracia alfandegária ou aduaneira aumentou seu peso como o entrave mais indicado a receber tratamento do Governo, citada por 36% das empresas em 2015, frente aos 23% em 2013.

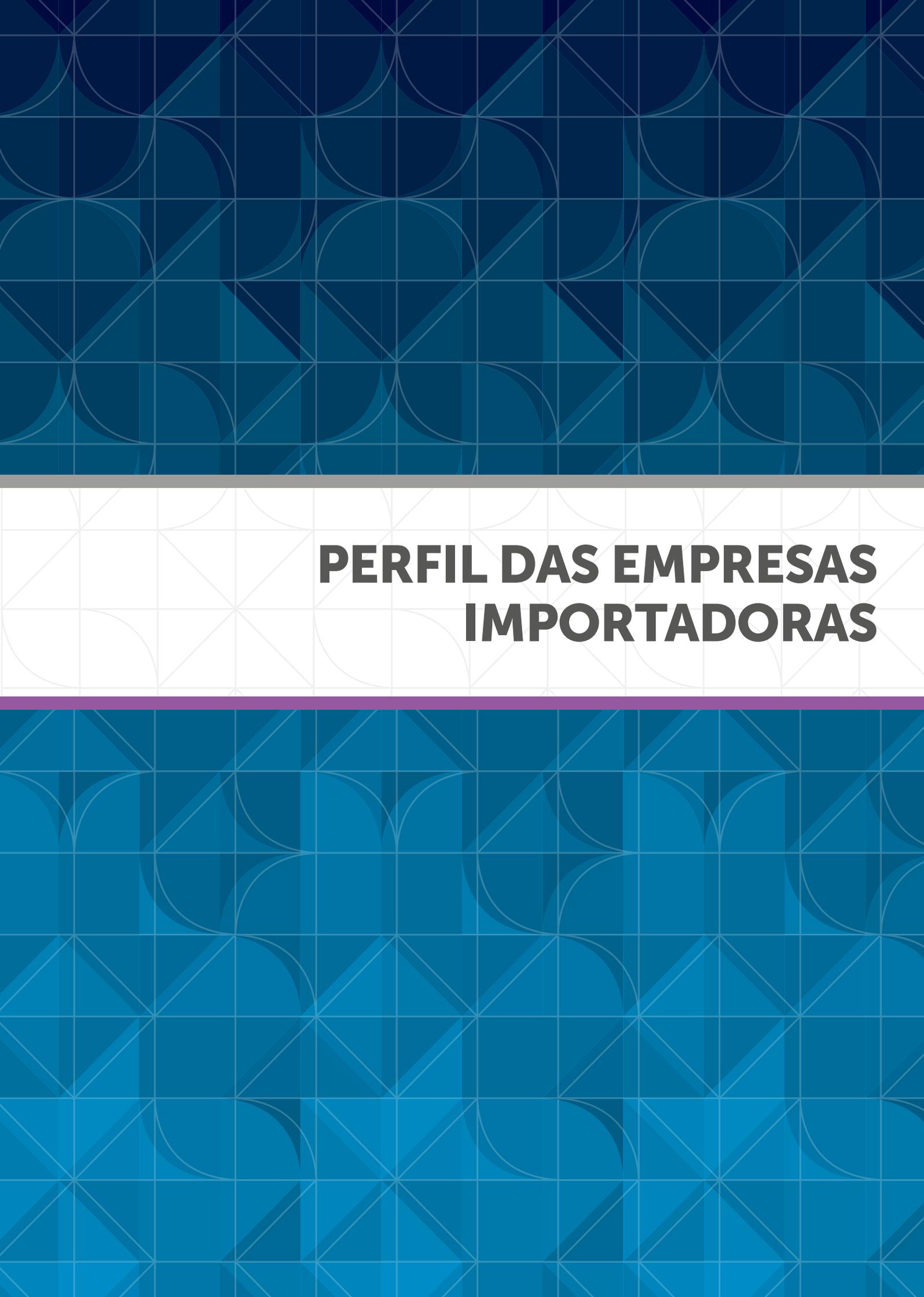
Os custos de transporte interno e custos portuários e aeroportuários (juntos somam 17%) e a burocracia tributária (8%) superaram os problemas de infraestrutura que em 2015 foram indicados por apenas 4% das empresas, quando em 2013 eram o segundo principal entrave (17%). Cabe ressaltar, novamente, o aumento das empresas que indicam as barreiras não tarifárias ao produto no mercado de destino como principal entrave à exportação que deve ser priorizada pelo Governo (5%).

Gráfico 28: Incremento nas Exportações sem os Entraves (%)



Nos Gráficos anteriores as empresas indicaram os entraves ao comércio exterior e selecionaram aquele que deveria ser prioritariamente combatido pelo Governo. Diante disso, os empresários foram questionados quanto ao possível incremento em suas exportações caso as dificuldades mencionadas fossem superadas. A grande maioria (86%) indica possibilidade de crescimento, semelhante aos anos anteriores (82%).

No entanto, o cenário foi um pouco mais conservador do que nas primeiras edições do Diagnóstico. Os empresários que indicaram estabilidade subiram para 9% em 2015. Podemos observar uma concentração entre os que projetaram crescimento de até 30%: 65% em 2015 frente aos 51% em 2013. A participação de empresários que indicaram crescimento nas faixas superiores teve leve recuo quando comparada às pesquisas anteriores.



**PERFIL DAS EMPRESAS
IMPORTADORAS**

SEÇÃO IV: **PERFIL DAS EMPRESAS IMPORTADORAS**

A seção IV apresenta o perfil das empresas importadoras do estado do Rio de Janeiro, comparando com os resultados dos Diagnósticos de 2013 e 2011. A primeira parte oferece informações a respeito da frequência das operações e a forma de desembarque das mercadorias, faixa de valor das importações, natureza e objetivo dos produtos importados.

Em termos de frequência, três em cada quatro empresas fluminenses (75%) importam no mínimo há cinco anos sem interrupções e a principal forma de desembarque das operações foi a marítima (64,5%). A faixa de valor mais citada para as importações de 2014 foi de US\$ 100 mil a US\$ 999 mil por 27,5% das empresas. Nota-se um equilíbrio entre as empresas que importaram matéria-prima (40%) e matéria-prima e produto final (35,5%). Por sua vez, 70% das empresas indicaram que a principal operação é a compra de matéria-prima no mercado externo para produção e posterior venda no mercado interno.

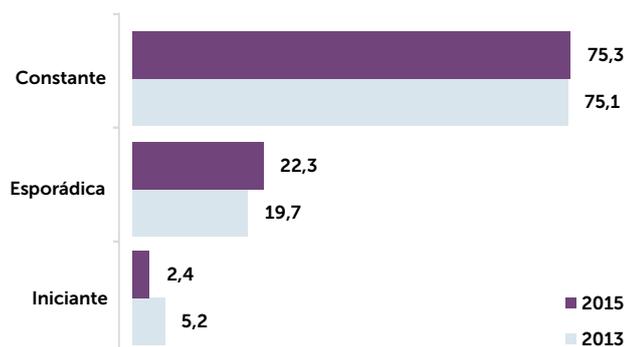
A segunda parte desta seção elenca os principais entraves às importações e os órgãos intervenientes que mais afetaram essas operações. Em seguida, as empresas indicaram os principais entraves a serem combatidos pelo Governo e o incremento projetado nas importações caso as barreiras apontadas fossem eliminadas.

A maior parte das empresas importadoras do estado do Rio de Janeiro (80%) entende que existem entraves que atrapalham suas importações e o mais indicado foi a burocracia alfandegária e aduaneira (73%), repetindo o resultado das pesquisas anteriores. Dentro da burocracia, as empresas indicaram que o pior processo é a obtenção de licença de importação dos órgãos competentes (50%).

As importadoras também sofrem com as operações portuárias e aeroportuárias, principalmente pela atuação dos órgãos anuentes do porto (42%). Por sua vez, a ANVISA foi a mais citada (39%) como o principal órgão que afetou negativamente as importações das empresas.

Por fim, as empresas importadoras selecionaram qual dos entraves consideraram que deve ser prioritariamente combatido pelo Governo e a burocracia foi novamente apontada. Caso o entrave citado fosse superado, 84% das empresas entendem que poderiam aumentar suas importações.

Gráfico 29: Frequência das Importações (%)



O Gráfico apresenta a frequência importadora das empresas do estado do Rio. Três em cada 4 empresas (75%) importam há pelo menos cinco anos continuamente, sem interrupções. Vinte e dois por cento importaram em pelo menos dois dos últimos cinco anos, com interrupções. Apenas 2,4% das empresas importaram pela primeira vez em 2014, distribuição semelhante à pesquisa anterior.

Nos últimos dois Diagnósticos, observa-se que o percentual de empresas que importam continuamente (75%) foi maior do que daquelas que exportam (61%).

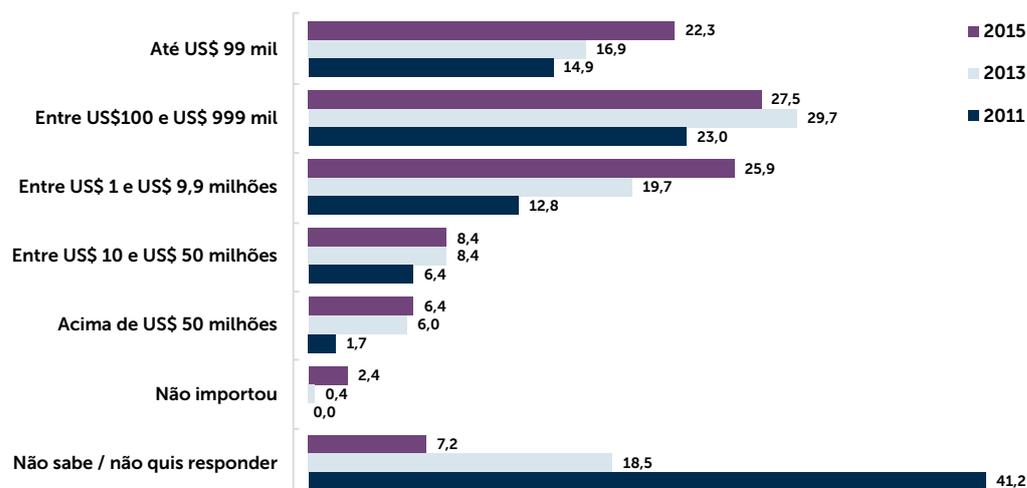
Gráfico 30: Principal Forma de Desembarque das Operações de Importação (%)



As empresas importadoras indicaram a principal forma de desembarque das mercadorias com distribuição semelhante ao longo dos anos. A marítima manteve-se como principal em 2015 (64,5%), seguida pela aérea, que recuou frente aos anos anteriores (29%), e a rodoviária (1,2%).

Comparando as formas de embarque das operações de comércio exterior, nota-se menor importância do modal rodoviário para as importações (1%) do que para as exportações (10%).

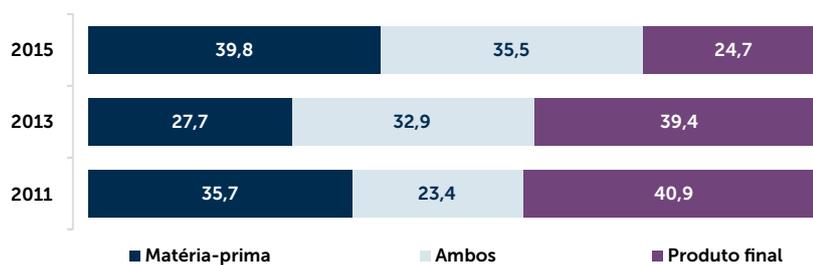
Gráfico 31: Valor Total das Importações FOB em 2014 (%)



O Gráfico acima apresenta as empresas segundo faixas de valor no total das importações nas últimas três pesquisas. Houve leve aumento em diversas faixas indicadas, justificado, principalmente, pela trajetória de queda contínua das empresas que não declararam o valor.

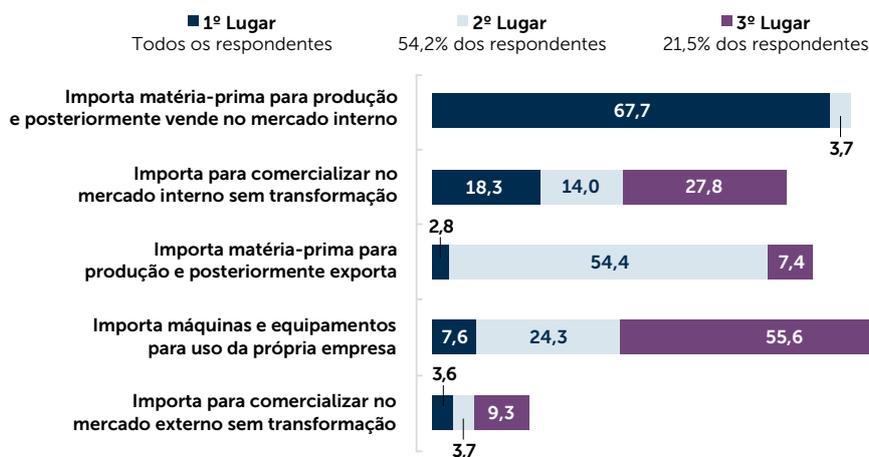
Detalhadamente, 27,5% das empresas indicaram importar entre US\$ 100 e US\$ 999 mil. Vinte e seis por cento indicaram valor de US\$ 1 a US\$ 9,9 milhões, enquanto 22% fazem suas compras externas até US\$ 99 mil, ambas com aumentos comparados aos anos anteriores. Já 8,4% dos entrevistados estão na faixa de US\$ 10 a US\$ 50 milhões e 6% importam acima de US\$ 50 milhões.

Gráfico 32: Natureza do Produto Importado (%)



As empresas foram questionadas quanto à natureza dos produtos que compram do mercado externo. Enquanto as que declararam que importam matéria-prima aumentaram de 28% em 2013 para 40% em 2015, as que importam o produto final saíram de 41% nas pesquisas anteriores para 25%. Com relação àquelas que compram tanto matéria-prima quanto produto final, o resultado saiu de 23% em 2011 para 35,5% em 2015.

Gráfico 33: Objetivo do Produto Importado (%)



Total de Respondentes (%)		
Países	2015	2013
Importa matéria-prima para produção e posteriormente vende no mercado interno	69,7	56,2
Importa para comercializar no mercado interno sem transformação	31,9	43,0
Importa matéria-prima para produção e posteriormente exporta	33,9	25,3
Importa máquinas e equipamentos para uso da própria empresa	32,7	43,0
Importa para comercializar no mercado externo sem transformação	7,6	4,4

Obs: a tabela representa a soma das citações de cada variável pelas respondentes, independentemente se nos 1º, 2º ou 3º lugares. Por isso, o total é superior a 100%.

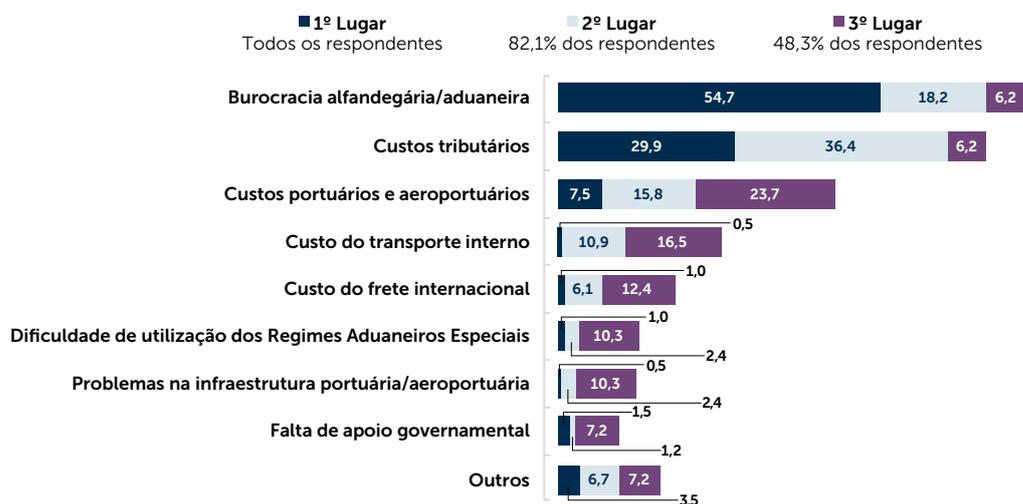
Neste item, as empresas, em ordem de identificação, selecionaram qual situação descrita mais reflete as importações de sua empresa. A maioria dos respondentes (70%) identificou que sua empresa importa matéria-prima para produção (transformação) e posteriormente vende no mercado interno como principal operação.

Considerando o total de respondentes, em torno de 30% das empresas indicaram realizar as seguintes operações: importa matéria-prima para produção (transformação) e posterior exportação; importa máquinas e equipamentos para uso da própria empresa e importa para comercializar no mercado interno sem transformação. Essa resposta demonstra que as empresas importadoras realizam diferentes operações consecutivamente.

Interessante notar que 34% das empresas identificaram que importam matéria-prima para produção (transformação) e posterior exportação, enquanto foi identificado, em uma das

perguntas anteriores, que percentual menor (25%) das empresas exportadoras utilizam o Regime de Drawback. Segundo dados oficiais da SECEX, 23% das exportações brasileiras foram amparadas pelo regime de Drawback em 2014.

Gráfico 34: Principais Entraves às Importações (%)



Total de Respondentes (%)			
Barreiras	2015	2013	2011
Burocracia alfandegária/aduaneira	72,6	69,6	71,7
Custos tributários	62,7	51,2	49,4
Custos portuários e aeroportuários	31,8	13,0	11,7
Custo do transporte interno	17,4	0,0	4,4
Custo do frete internacional	11,9	8,2	11,7
Dificuldade de utilização dos Regimes Aduaneiros Especiais	8,0	0,0	0,6
Problemas na infraestrutura portuária/aeroportuária	7,5	27,5	11,7
Falta de apoio governamental	6,0	0,0	2,2
Outros	12,4	15,5	16,1

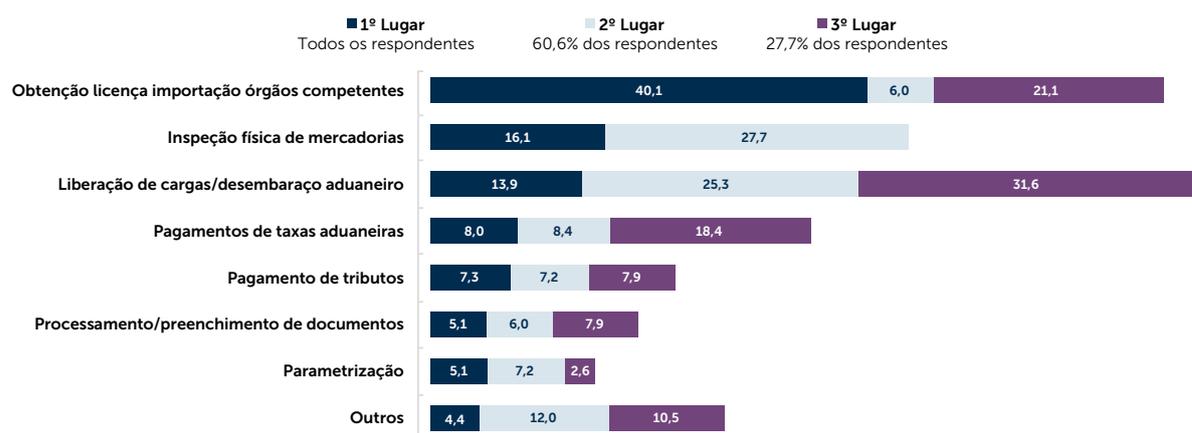
Obs: a tabela representa a soma das citações de cada variável pelas respondentes, independentemente se nos 1º, 2º ou 3º lugares. Por isso, o total é superior a 100%.

As empresas importadoras mencionaram, em ordem de dificuldade, os três principais entraves às suas importações. Do total das respondentes importadoras (251), 80% identificaram barreiras, proporção semelhante aos Diagnósticos passados. Assim como nas exportações, a burocracia alfandegária e aduaneira foi o entrave mais indicado em 1º lugar pelos respondentes, e também o mais citado entre os três principais pela maioria absoluta das empresas fluminenses (73%). Os custos tributários também foram expressivamente mencionados, valendo registrar que dos

cinco principais entraves à importação apontados, quatro envolvem custos, sejam tributários, portuários e aeroportuários, com transporte interno ou de frete internacional.

Vale destacar o crescimento das indicações dos entraves relacionados a custos. Por outro lado, assim como nas exportações, reduziram as empresas que apontaram os problemas de infraestrutura portuária e aeroportuária, de 27,5% em 2013 para 7,5% em 2015.

Gráfico 35: Principais Processos da Burocracia Alfandegária e Aduaneira que afetaram negativamente as Operações de Importações (%)



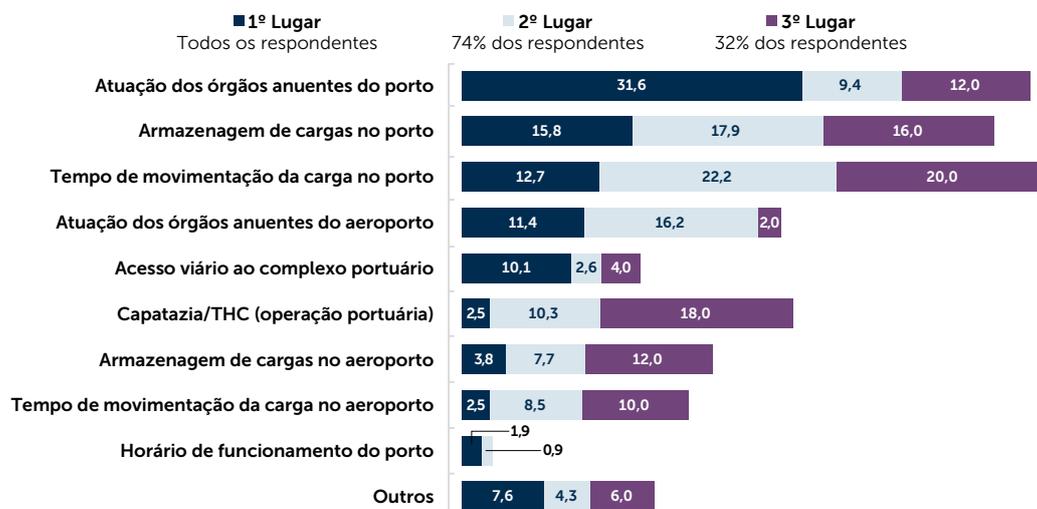
Barreiras	Total de Respondentes (%)
Obtenção de licença de importação órgãos competentes	49,6
Inspeção física de mercadorias	32,8
Liberação de cargas/desembaraço aduaneiro	38,0
Pagamentos de taxas aduaneiras	18,2
Pagamento de tributos	13,9
Processamento/preenchimento de documentos	10,9
Parametrização	10,2
Outros	14,6

Obs: a tabela representa a soma das citações de cada variável pelas respondentes, independentemente se nos 1º, 2º ou 3º lugares. Por isso, o total é superior a 100%.

A burocracia alfandegária e aduaneira também foi apontada como principal entrave para a importação fluminense. Por isso, pela primeira vez no Diagnóstico, as empresas foram estimuladas a detalhar os processos que afetam negativamente essas operações. A obtenção de licença de importação dos órgãos competentes foi o mais indicado como principal problema operacional por 40% das empresas, seguido pela inspeção física de mercadorias (16%).

Considerando o total das indicações, 50% das empresas indicaram a questão da licença entre os três principais e 38% o desembaraço aduaneiro (liberação de cargas).

Gráfico 36: Principais Barreiras que afetaram as Importações nas Operações Portuárias e Aeroportuárias (%)



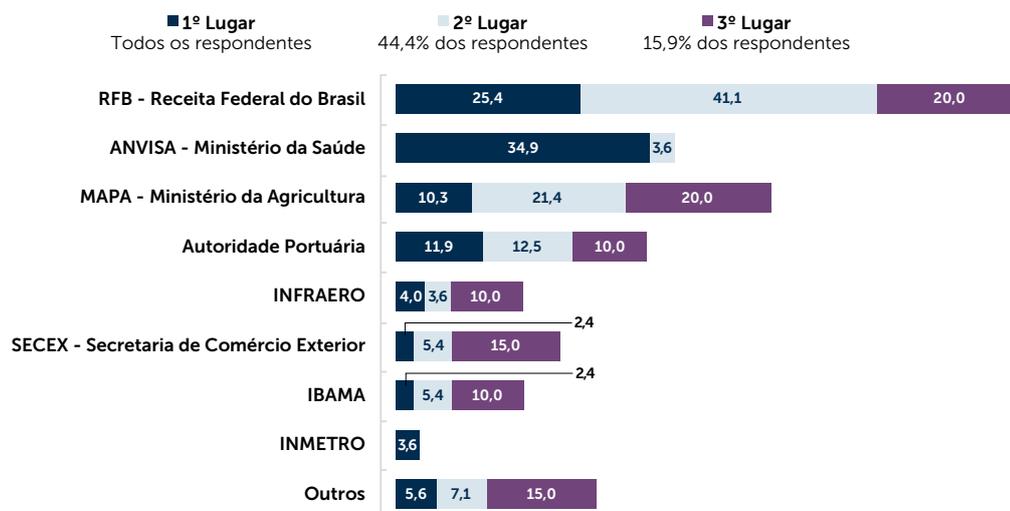
Barreiras	Total de Respondentes (%)
Atuação dos órgãos anuentes do porto	42,4
Armazenagem de cargas no porto	34,2
Tempo de movimentação da carga no porto	35,4
Atuação dos órgãos anuentes do aeroporto	24,1
Acesso viário ao complexo portuário	13,3
Capatazia/THC (operação portuária)	15,8
Armazenagem de cargas no aeroporto	13,3
Tempo de movimentação da carga no aeroporto	12,0
Horário de funcionamento do porto	2,5
Outros	12,7

Obs: a tabela representa a soma das citações de cada variável pelas respondentes, independentemente se nos 1º, 2º ou 3º lugares. Por isso, o total é superior a 100%.

As empresas indicaram, em ordem de dificuldade, as três principais barreiras que mais afetaram suas importações nas operações portuárias e aeroportuárias. A atuação dos órgãos anuentes foi o mais citado em primeiro lugar (32%) e o que mais recebeu indicação entre as empresas. Assim como nas exportações, nota-se que os problemas portuários têm mais peso do que os aeroportuários. A armazenagem e o tempo de movimentação da carga no porto merecem destaque.

Apesar das diferenças com relação à pesquisa realizada em 2013, que apresentava algumas variáveis diferentes, a atuação dos órgãos anuentes e o tempo de movimentação das cargas no porto permaneceram entre os principais entraves portuários e aeroportuários.

Gráfico 37: Órgãos Intervenientes que mais afetam as Importações (%)

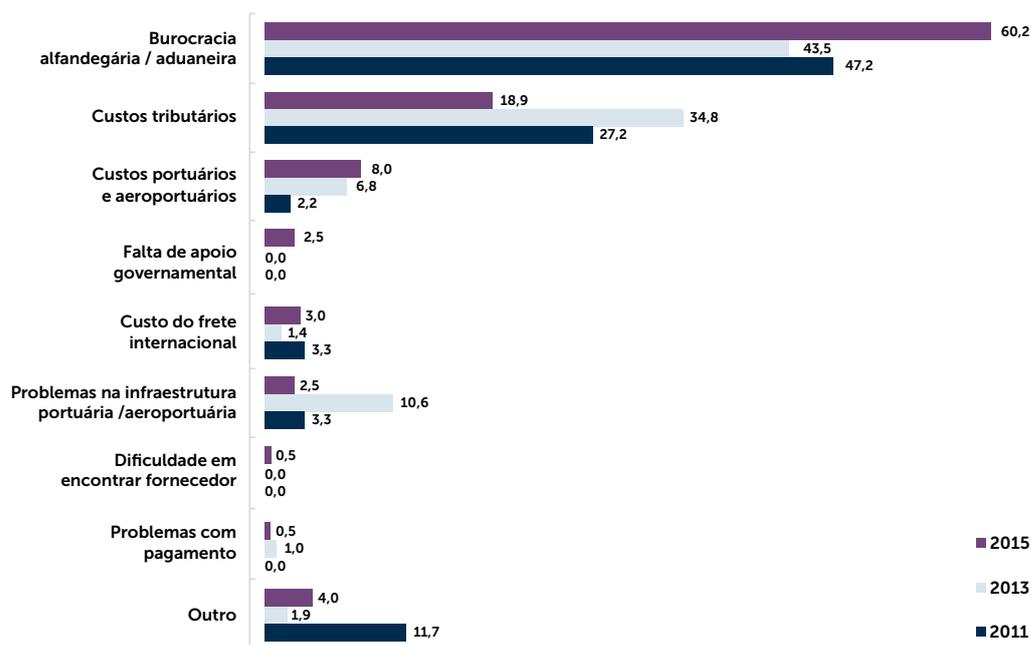


Total de Respondentes (%)			
Órgãos	2015	2013	2011
RFB - Receita Federal do Brasil	46,8	33,7	43,5
ANVISA - Ministério da Saúde	36,5	43,5	29,0
MAPA - Ministério da Agricultura	23,0	13,0	17,7
Autoridade Portuária	19,0	5,4	0,0
INFRAERO	7,1	2,2	1,6
SECEX - Secretaria de Comércio Exterior	7,1	15,2	14,5
IBAMA	6,3	4,3	0,0
INMETRO	3,2	3,3	0,0
Outros	11,1	15,2	33,9

Obs: a tabela representa a soma das citações de cada variável pelas respondentes, independentemente se nos 1º, 2º ou 3º lugares. Por isso, o total é superior a 100%.

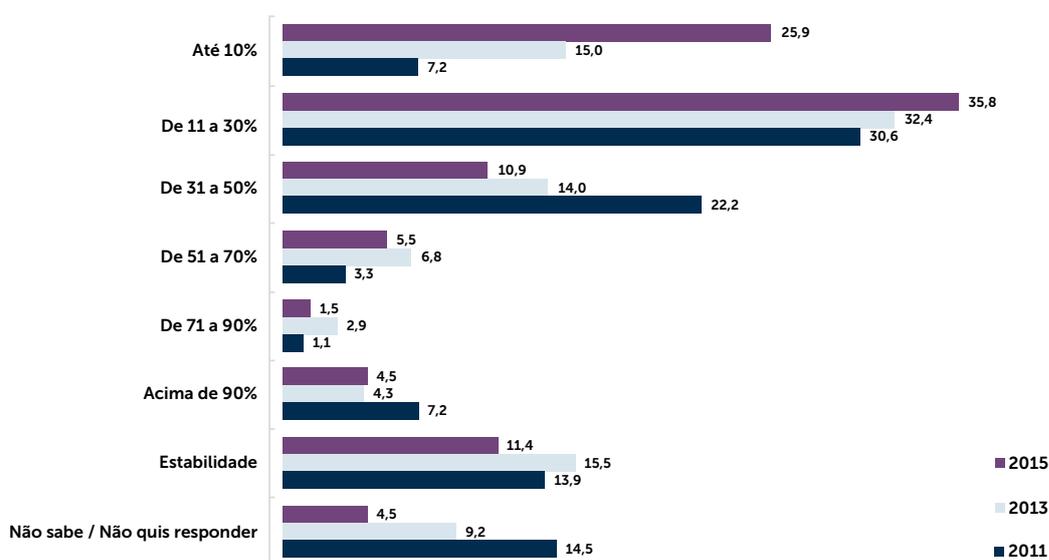
As empresas importadoras indicaram os órgãos que afetaram negativamente as operações de suas empresas em ordem de dificuldade. A ANVISA recebeu mais indicações em 1º lugar (35%), seguida pela Receita Federal (25%) e o MAPA (10%). Entre os mais indicados em todas as posições, nota-se o aumento da Receita, que volta a ocupar a primeira colocação em 2015 (47%), depois de ter perdido para a ANVISA em 2013. Nota-se a redução das citações da SECEX de 15% nos Diagnósticos anteriores para 7% em 2015.

Gráfico 38: Principais Entraves a serem combatidos pelo Governo (%)

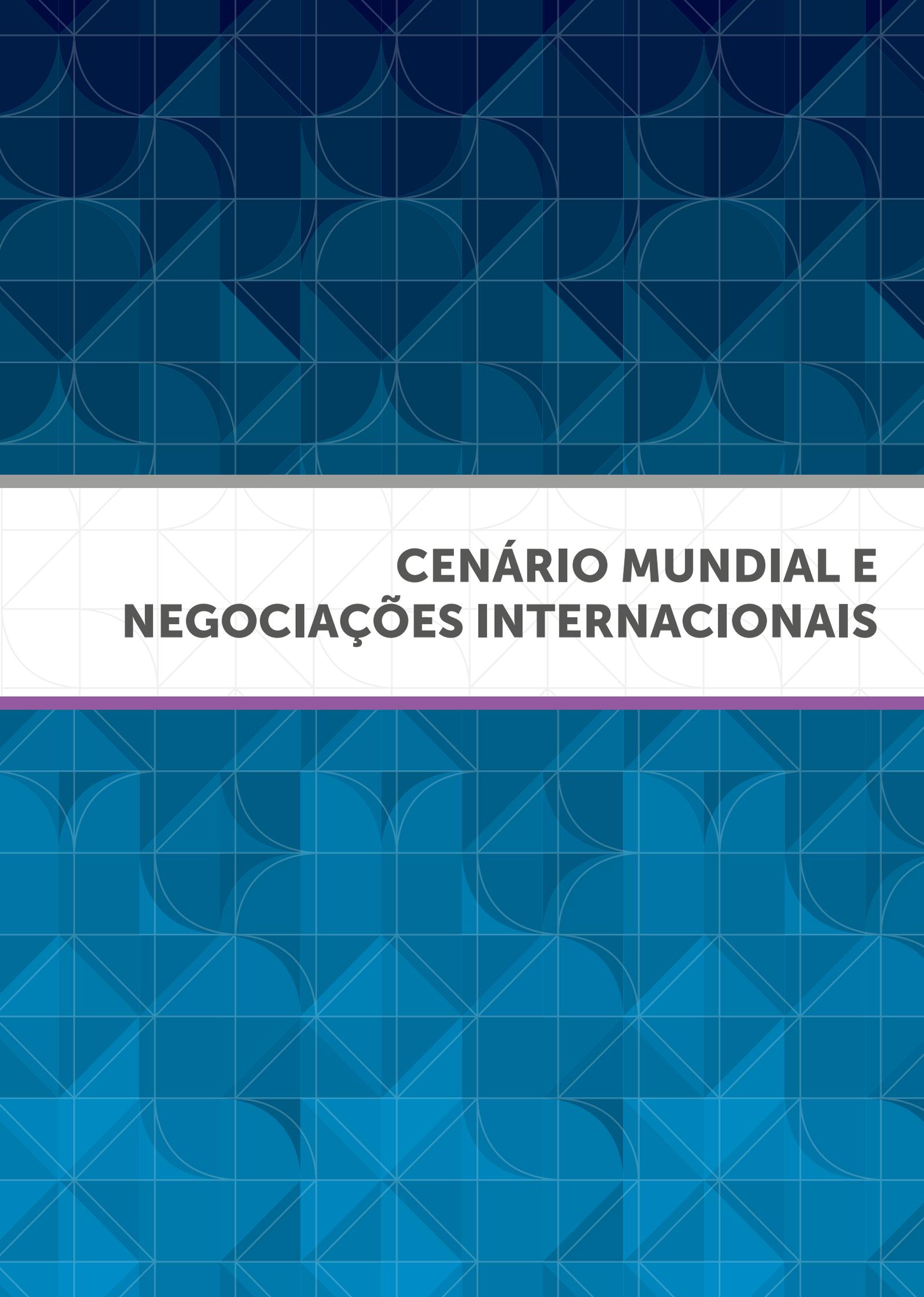


Diante dos diversos problemas apresentados anteriormente que afetam as importações fluminenses, as empresas identificaram quais devem ser priorizados pelo Governo para uma ação mais efetiva. Indicada como principal problema nas duas operações de comércio exterior, a burocracia alfandegária e aduaneira foi novamente a mais escolhida por 60% para ter prioridade, acima dos 40% dos Diagnósticos anteriores. Apesar da leve redução comparada às pesquisas passadas, os custos tributários foram indicados por 19% das empresas como a questão a receber tratamento prioritário.

Gráfico 39: Incremento nas Importações sem os Entraves (%)



Caso os entraves apontados nos gráficos anteriores fossem retirados, o cenário que se delinearía para as importações seria de incremento para 84% das empresas fluminenses, ficando acima do observado nos Diagnósticos de 2013 e 2011. A maior parte das empresas importadoras (62%) prevê crescimento de até 30%, enquanto houve redução nas faixas de expectativas superiores. Por sua vez, as respondentes que acreditam em estabilidade reduziram para 11% em 2015.



**CENÁRIO MUNDIAL E
NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS**

SEÇÃO V: **CENÁRIO MUNDIAL E NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS**

A seção V faz um apanhado sobre a percepção das empresas atuantes no comércio exterior fluminense a respeito do cenário mundial e das negociações internacionais. Após analisar o perfil e os entraves das empresas exportadoras e importadoras, a pesquisa busca agora revelar quais são as expectativas empresariais para o ano de 2015 em termos de incremento em suas operações, assim como em relação aos mercados de destino para os produtos fluminenses e de origem das importações do estado do Rio de Janeiro.

Diante de tantos desafios apontados pelas empresas fluminenses nas seções anteriores, as projeções para o comércio exterior em 2015 resultaram novamente em um quadro cauteloso, no qual 42% das empresas previram estabilidade para as suas exportações e 43% para as importações. Por sua vez, em torno de 30% das empresas importadoras e exportadoras estimam crescimento.

Entre as exportadoras, aquelas que indicaram que pretendem realizar ações visando abertura de novos mercados atingiram o seu menor percentual em 2015: 39%, apontando como principais destinos a Europa e a América do Sul. A maior parte das empresas importadoras (66%) também não pretende realizar ações. Contudo, entre aquelas que irão prospectar, os mercados visados são, prioritariamente, o asiático e o europeu.

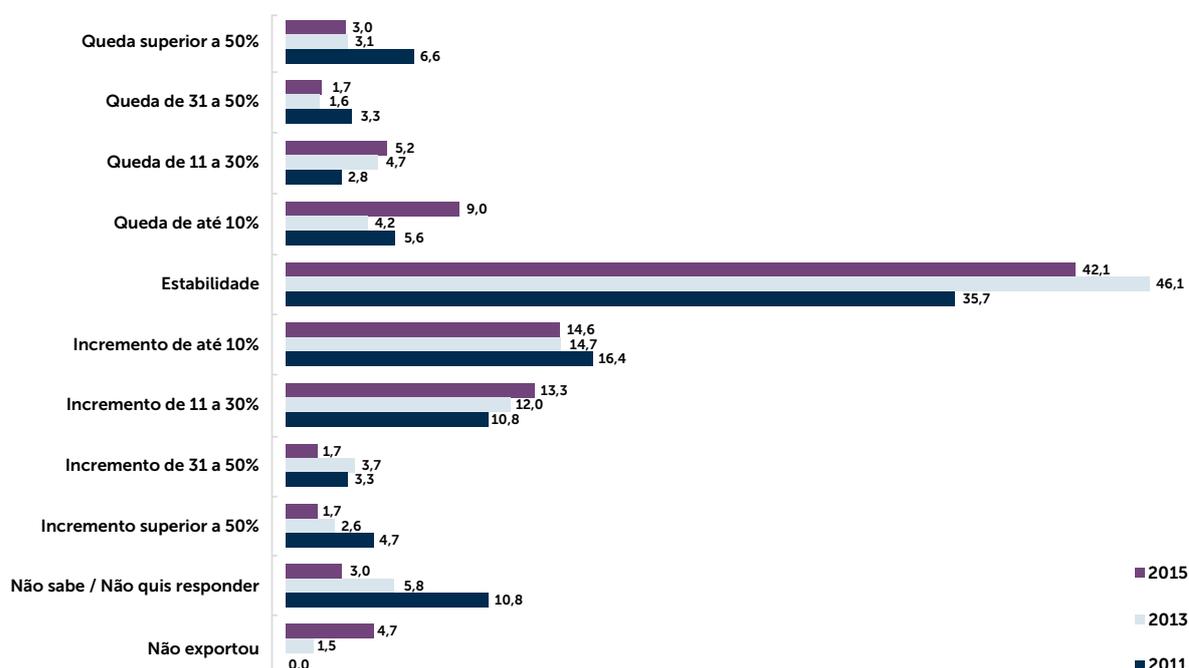
O posicionamento das empresas fluminenses em temas centrais do comércio exterior também é objeto de análise nesta seção, sendo considerados os seguintes temas: o conhecimento dos mecanismos de Defesa Comercial e do Portal Único do Comércio Exterior, a emissão de Certificado de Origem, o acompanhamento das Negociações Internacionais, o conhecimento e a percepção das empresas quanto à política de comércio exterior brasileira. Por fim, as empresas estimaram a tendência do comércio exterior no Brasil para os próximos anos.

Cabe destacar que uma em cada três empresas respondentes consideram que sua empresa está sendo prejudicada por importações desleais ou fraudulentas como, por exemplo, importações realizadas a preços de dumping ou subfaturadas. A mesma proporção de empresas não conhece os Mecanismos de Defesa Comercial que podem ajudá-las a superar esses problemas.

Entre as empresas exportadoras e importadoras do estado do Rio, 52% acompanham as negociações internacionais brasileiras e elegeram o acordo entre MERCOSUL e União Europeia como aquele que resultaria em maior incremento comercial (58,5%) caso fosse efetivado. A faixa mais indicada para o incremento no valor das operações seria de 11 a 30% (33%).

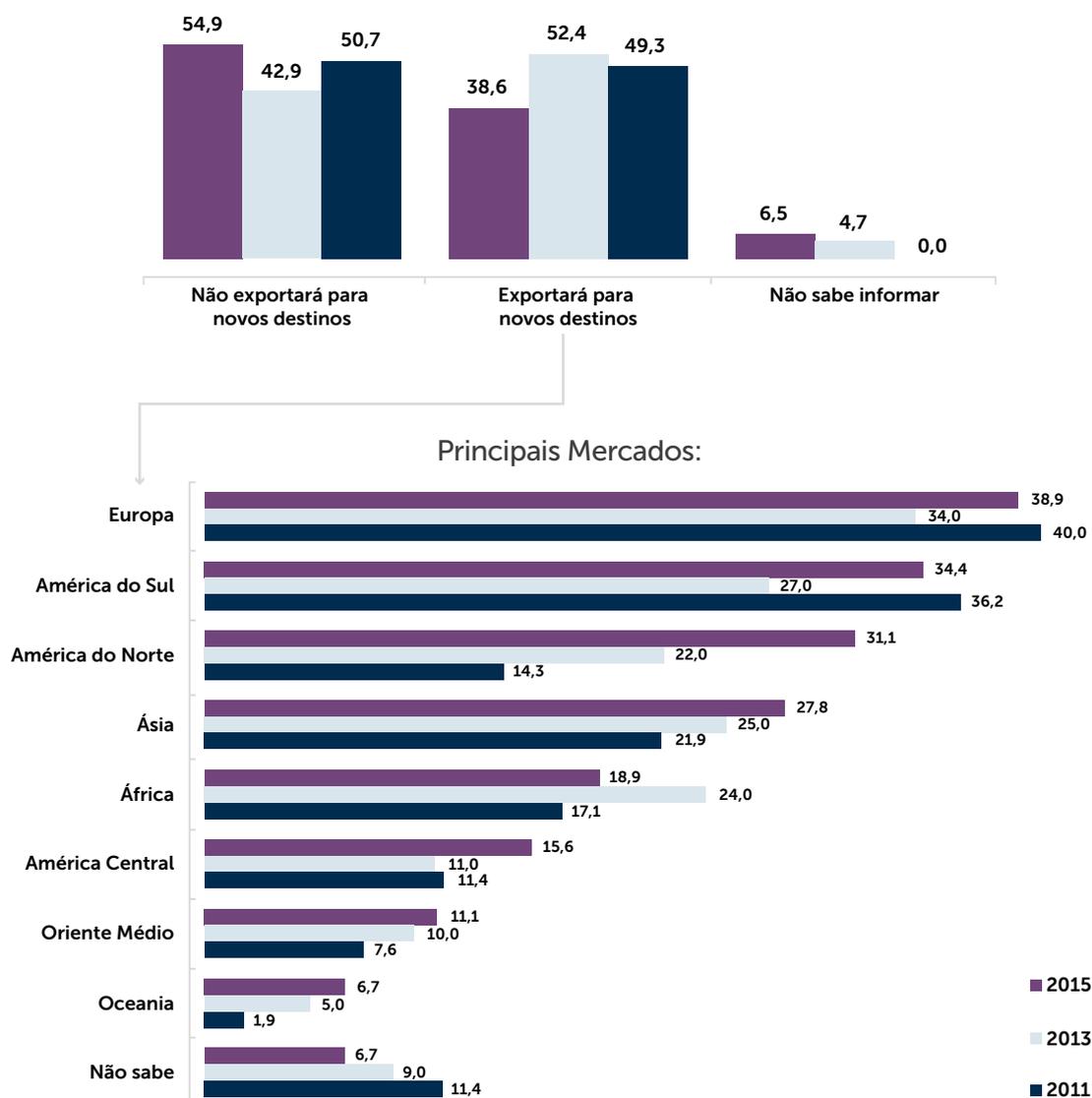
O Programa do Portal Único de Comércio Exterior, lançado pelo Governo Federal em 2014, está sendo construído e já conta com diversas ferramentas entregues. No entanto, ainda não é conhecido por 55% das empresas exportadoras e importadoras do estado. Por fim, as empresas avaliaram a adequação da atual política de comércio exterior e a média ficou em 4,65, menor que a apresentada nos Diagnósticos passados. Ao mesmo tempo, as empresas do estado do Rio de Janeiro estão um pouco menos otimistas. Podemos notar ao longo do tempo a redução das empresas que sugerem incremento de 82% em 2011 para 76% em 2013, caindo para 56% em 2015.

Gráfico 40: Projeção para o Incremento das Exportações em 2015 (%)



A maior parcela das empresas exportadoras do estado do Rio de Janeiro apresentou novamente um quadro cauteloso para o crescimento das exportações em 2015, com a maior parte das empresas (42%) sugerindo estabilidade. As empresas que estimaram crescimento se mantiveram em torno de 30%, sendo que a maior parte indica possibilidade de incremento de até 10% (15%). Por sua vez, as empresas que estimaram queda, somaram 14% em 2013 e subiram para 20% em 2015.

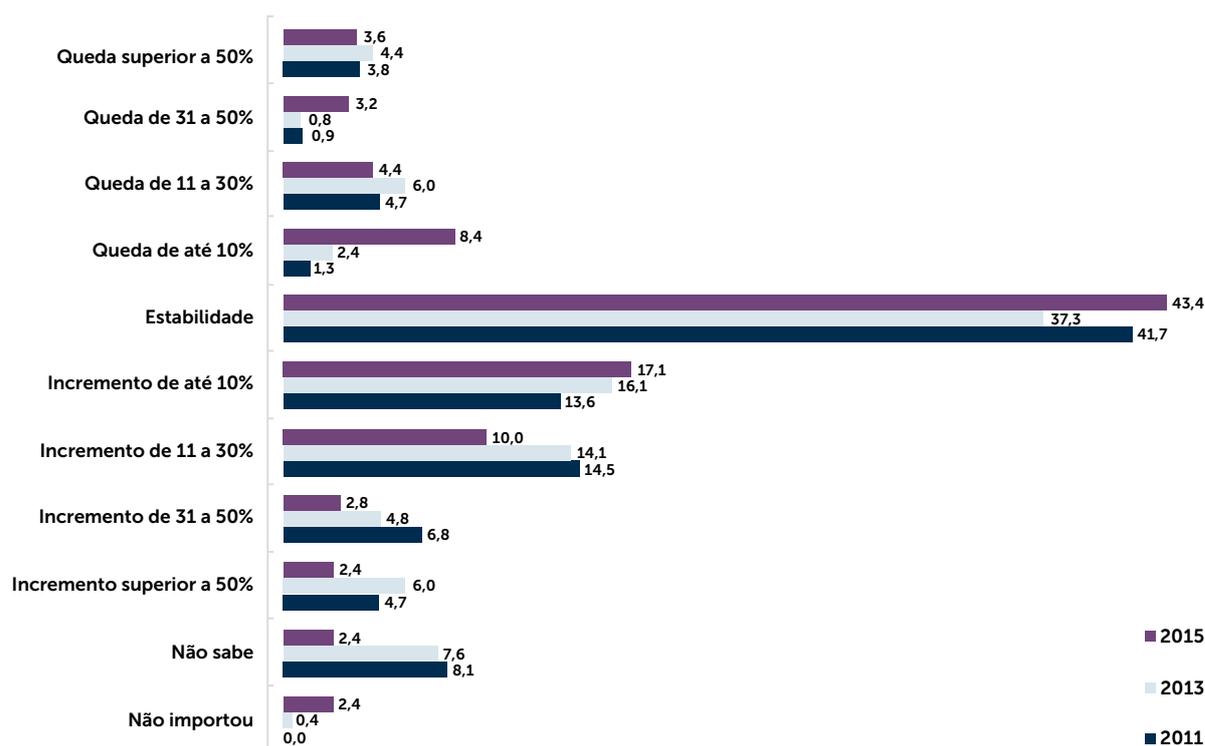
Gráfico 41: Abertura de Novos Mercados em 2015 (%)



Obs: o gráfico representa soma das citações de cada variável pelas respondentes, que puderam selecionar 3 opções. Por isso, o total é superior a 100%

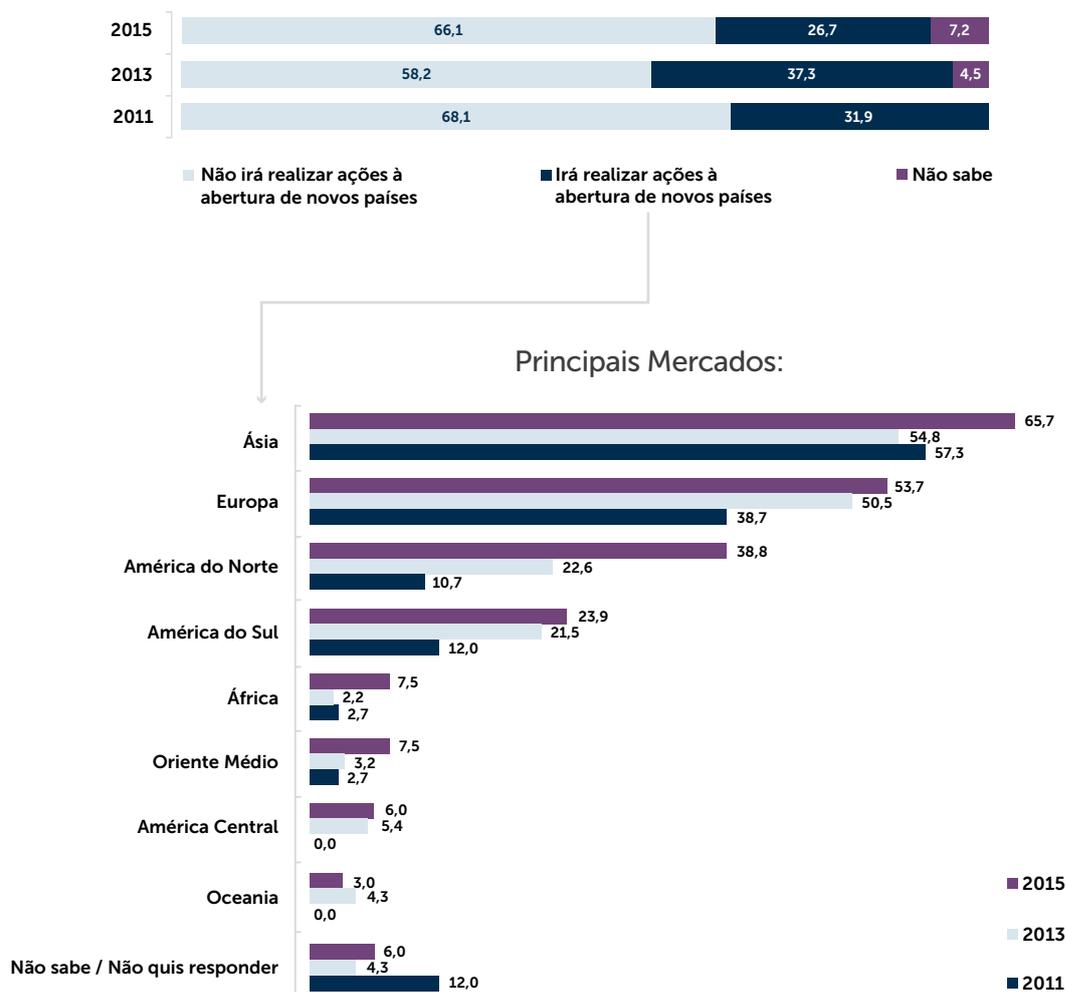
Em contraste com o Diagnóstico de 2013, as empresas exportadoras seguiram o quadro de cautela já apresentado e mais de 50% indicaram que não pretendem promover a abertura de novos mercados. Dentre os 39% que indicaram ter interesse, menor percentual da série, os principais destinos estariam na Europa (39%) e América do Sul (34%).

Gráfico 42: Projeção para o Incremento das Importações em 2015 (%)



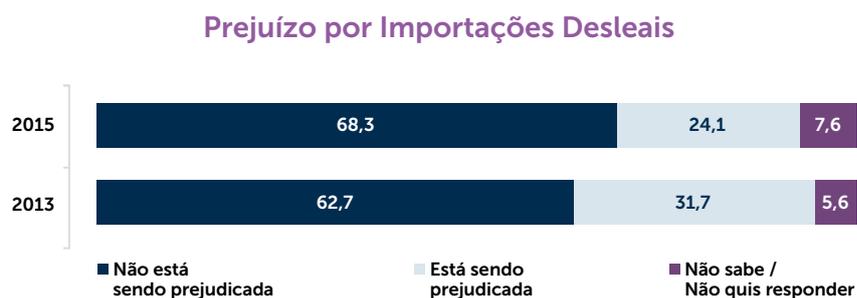
O quadro mais negativo também atingiu as importações fluminenses em 2015, diferentemente das pesquisas anteriores. Enquanto registramos o maior valor da série para as empresas que estimaram queda nas importações (19%) e estabilidade (43%), o menor percentual de empresas indicou possível incremento para as operações de 2015: 32% frente aos 40% de 2013 e 2011.

Gráfico 43: Abertura de Novos Mercados Fornecedores em 2015 (%)



Obs: o gráfico representa soma das citações de cada variável pelas respondentes, que puderam selecionar 3 opções. Por isso, o total é superior a 100%

As empresas importadoras comumente demonstram no Diagnóstico menos interesse em prospecção de novos mercados que as exportadoras. A maior parte (66%) permanece não pretendendo realizar ações de aberturas de novas origens de importação. Dentre as que têm interesse, 27% (a menor da série), a Ásia se configura como a fornecedora mais indicada pelas empresas fluminenses (66%), seguida pela Europa (54%) e a América do Norte, que tem aumentado continuamente no interesse das empresas desde a primeira pesquisa.



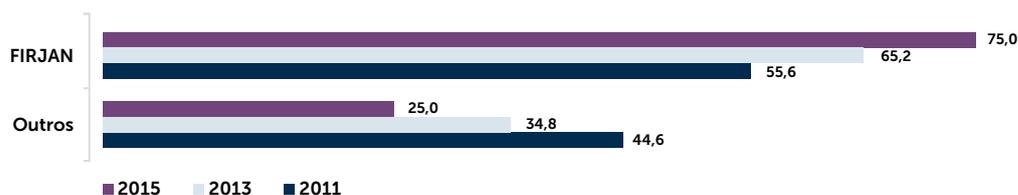
Conhece os Mecanismos de Defesa? Sabe como Utilizar?



Apesar do universo reduzido de empresas que atuam no comércio exterior, 24% responderam que seus negócios estariam sendo prejudicados por importações desleais ou fraudulentas, como por exemplo, por importações realizadas a preços de dumping ou subfaturadas. Apesar de ser a minoria e ter reduzido com relação à pesquisa de 2013, ainda é grande o percentual de empresas que se sentem lesadas.

A partir desse cenário, as empresas foram questionadas quanto ao conhecimento dos mecanismos de defesa comercial: a maioria (64%) indicou que conhece, em percentual semelhante ao ano anterior. No entanto, é necessário ressaltar que uma em cada três empresas fluminenses não conhece os mecanismos que a protege de importações desleais.

Gráfico 45: Órgãos para Emissão de Certificado de Origem (%)

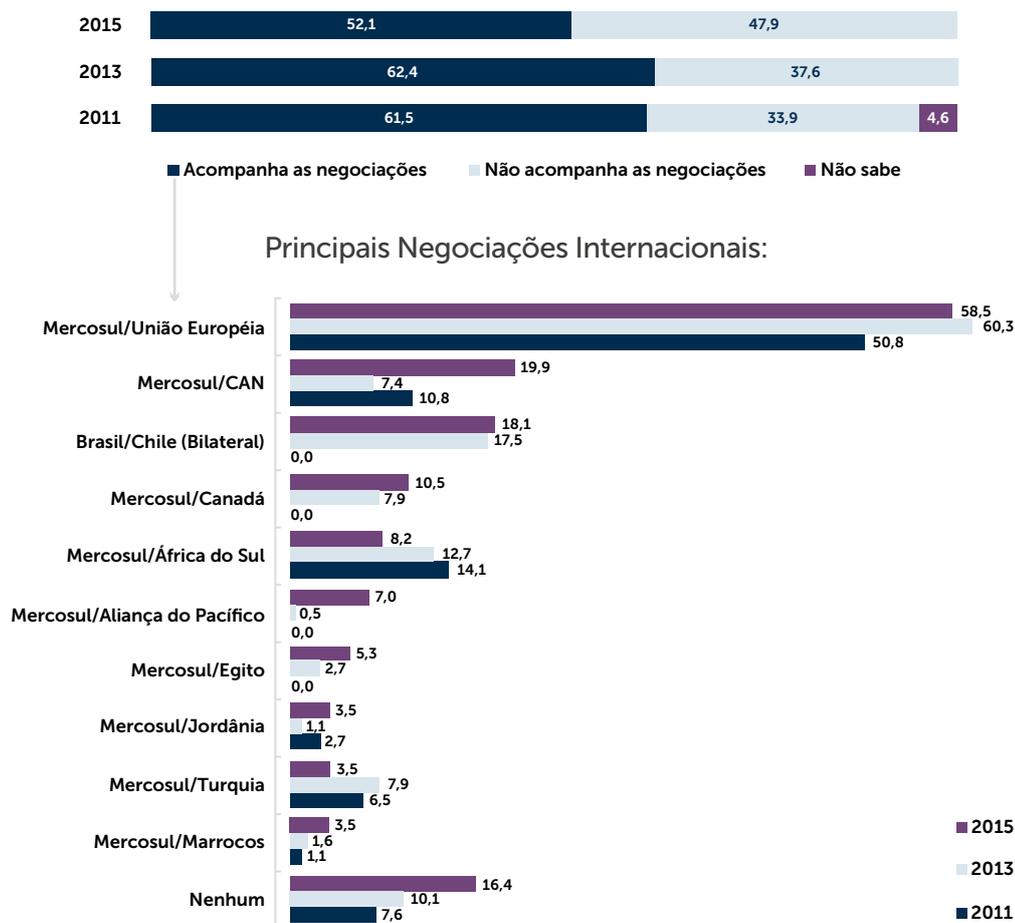


Dentre as empresas exportadoras entrevistadas, 75% emitem o Certificado de Origem⁵ com o Sistema FIRJAN, o que vem crescendo intensamente desde a pesquisa de 2011. Este desempenho alcançado é resultado de mais de 40 anos de experiência do Sistema FIRJAN como entidade emissora habilitada que oferece ao empresário a segurança necessária para o sucesso de suas exportações e, ainda conta, desde 2009, com o sistema de emissão on-line desenvolvido pela Confederação Nacional da Indústria – CNI, em parceria com a FIRJAN, por meio do Centro Internacional de Negócios – CIN.

Vale salientar que a crescente utilização das medidas de defesa comercial, especialmente aquelas que procuram inibir a prática de circunvenção e de triangulação, está amparada em falsa declaração de origem. Essa prática confere enorme relevância à emissão de certificados de origem pois o documento também passa a ser necessário nas importações não contempladas por preferências tarifárias determinadas por acordos internacionais. Assim, a certificação de origem vem ganhando significativa importância e merece adequado tratamento e atenção por parte dos exportadores e importadores brasileiros.

⁵O certificado de origem é o documento utilizado para comprovar a origem da mercadoria e conceder benefícios fiscais (isenção parcial ou total do imposto de importação) nos países com os quais o Brasil celebra acordos comerciais, garantindo acesso preferencial das mercadorias e competitividade do produto no mercado externo.

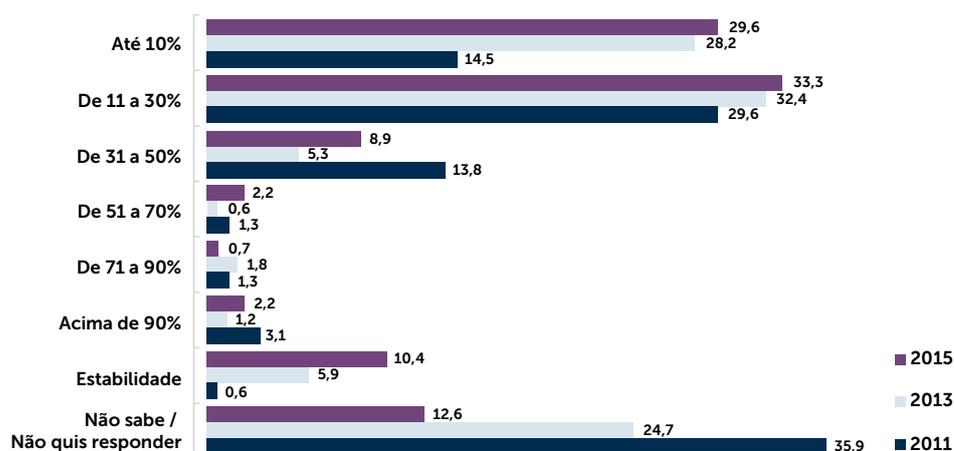
Gráfico 46: Negociações Internacionais (%)



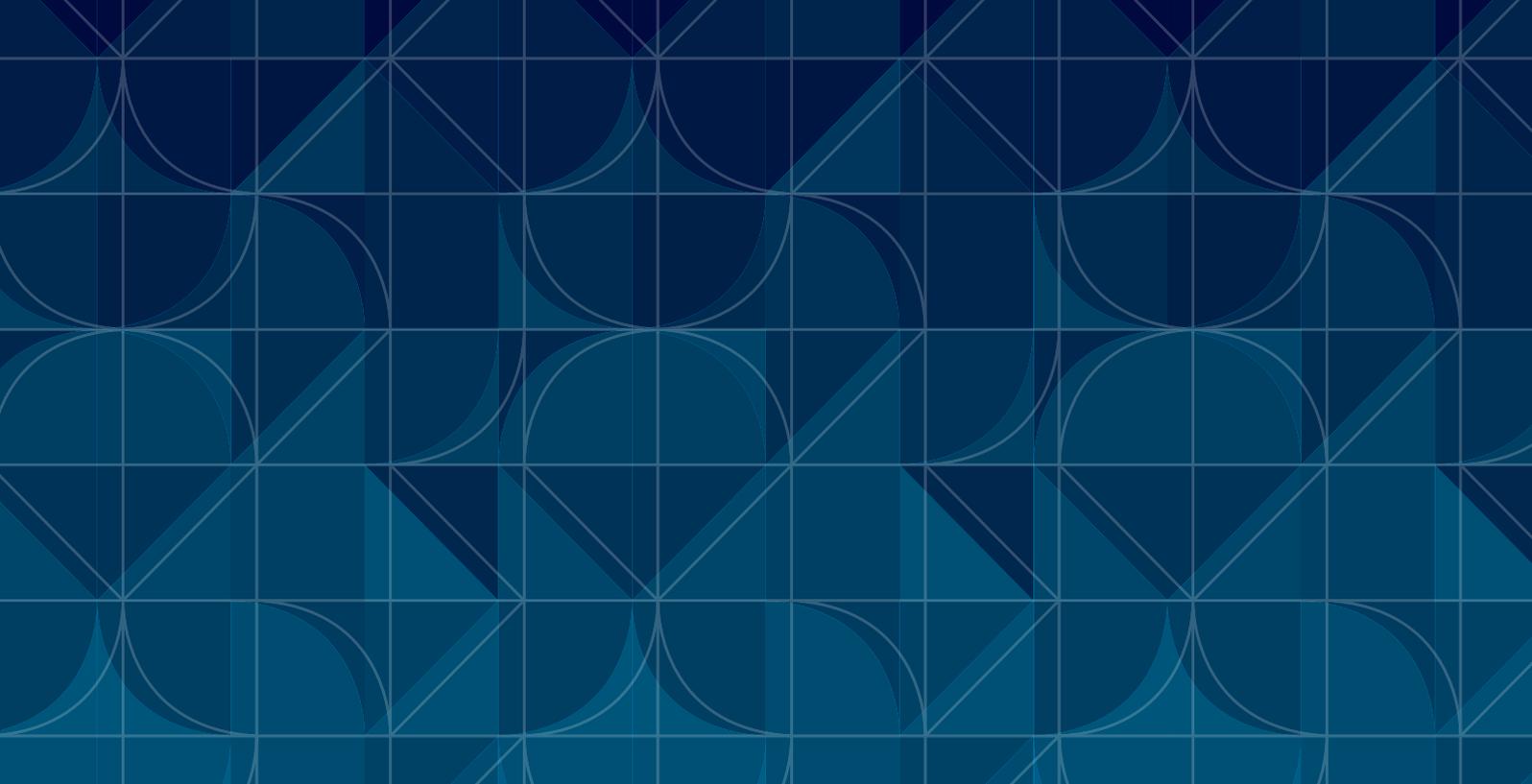
De acordo com o Diagnóstico de 2015, 52% das empresas que atuam no comércio exterior do estado do Rio de Janeiro apontaram que acompanham as Negociações Internacionais brasileiras, resultado inferior às pesquisas anteriores (62%). As empresas também selecionaram acordos comerciais que teriam maior impacto no incremento de suas operações de comércio exterior. O acordo MERCOSUL – União Europeia, bastante discutido ao longo dos últimos anos, continua sendo o mais citado (58,5% em 2015) pelas empresas.

A possibilidade da ampliação de um acordo entre o Mercosul e a Comunidade Andina superou as negociações bilaterais com o Chile (18%) e foi citado por 20% dos empresários fluminenses como um acordo que possibilitaria crescimento para os negócios internacionais das empresas. Além desses, o acordo entre o MERCOSUL e Canadá tem se destacado na expectativa dos empresários, citado por 10,5% em 2015.

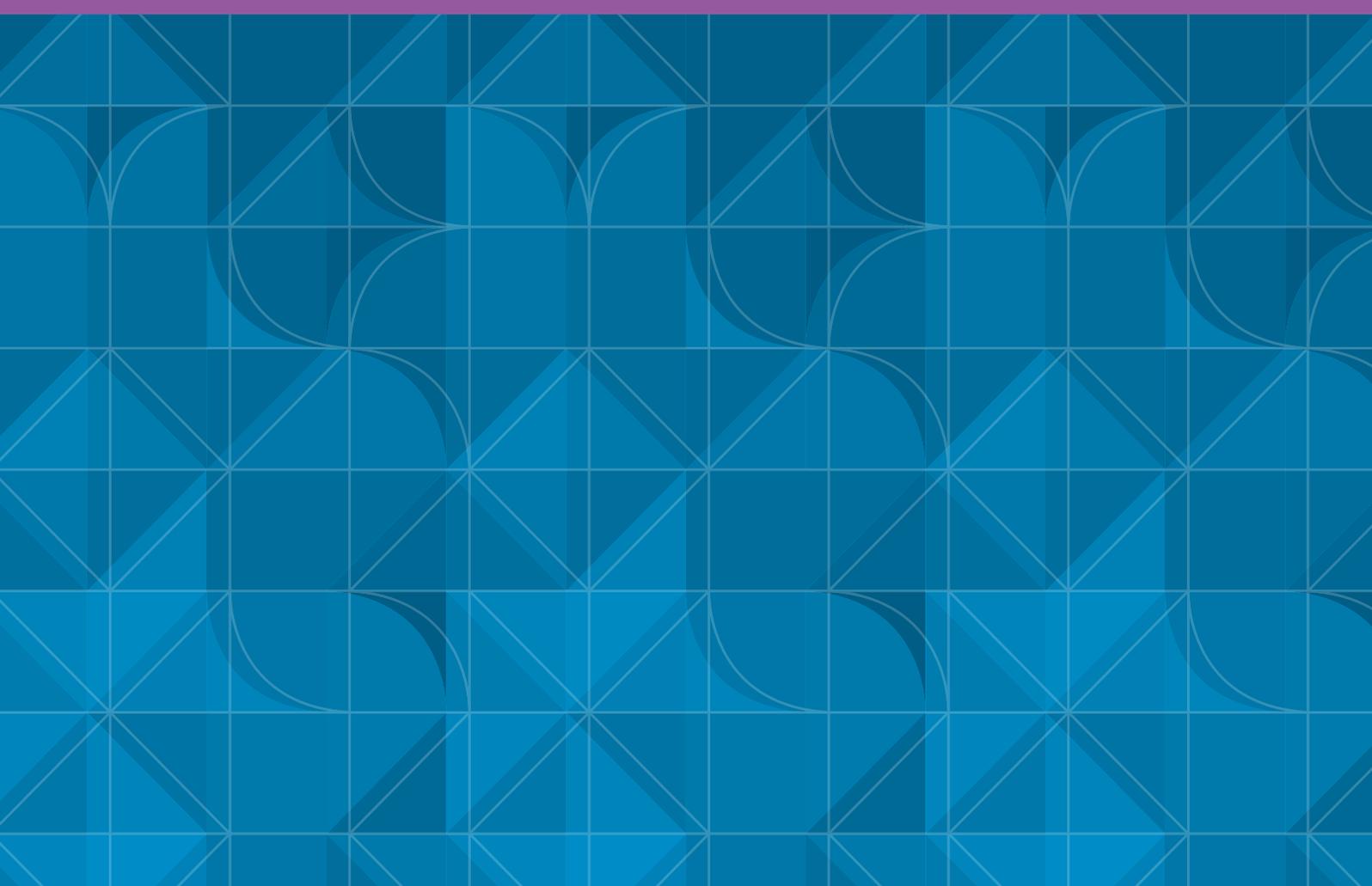
Gráfico 47: Incremento FOB das Operações Caso os Acordos sejam efetivados (%)



As empresas fluminenses estão cada vez mais tendentes a estimar que a efetivação dos acordos comerciais citados anteriormente são fatores relevantes para o incremento de suas operações de importação e exportação. O resultado das empresas que sugeriram crescimento aumentou de 64% em 2011 para 69% em 2013 e 77% em 2015. A maior parte das empresas (33%) acredita que o incremento seria de 11% a 30% em suas operações. Destaque também para as empresas que indicaram crescimento de até 10% (30%).

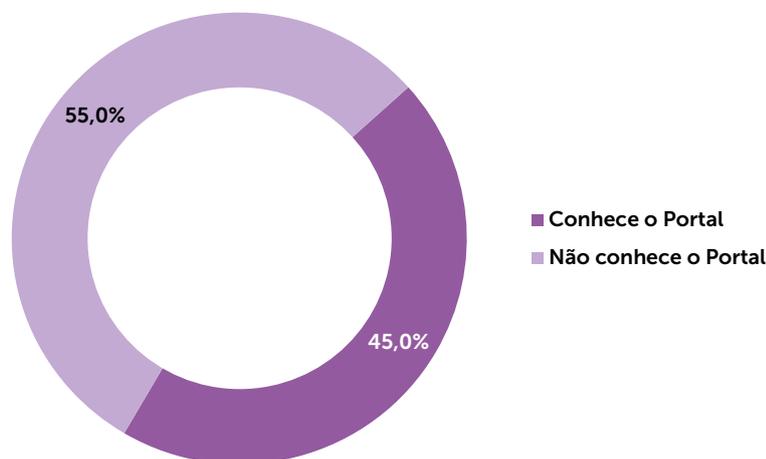


CONSIDERAÇÕES FINAIS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

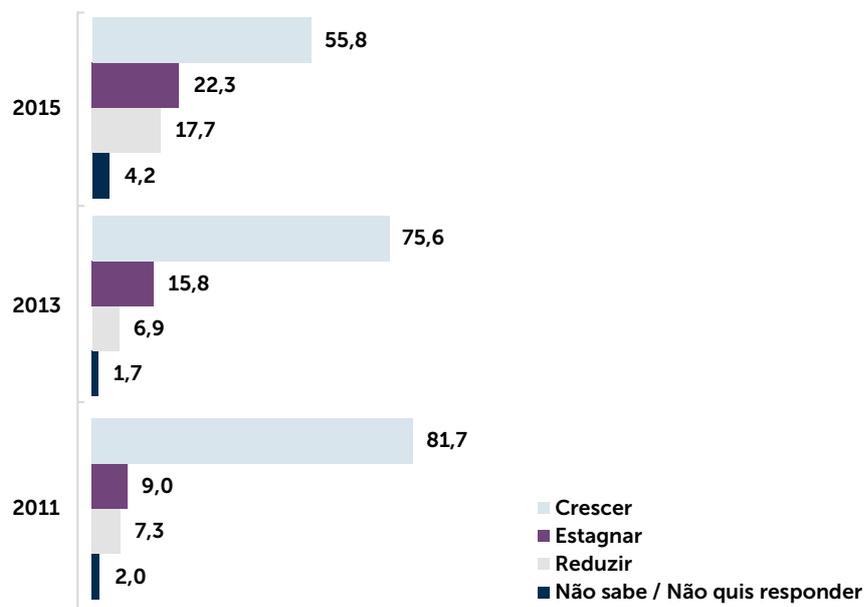
Gráfico 48: Portal Único de Comércio Exterior (%)



O Programa Portal Único de Comércio Exterior é uma iniciativa do Governo Federal de reformulação dos processos de importação, exportação e trânsito aduaneiro. Com ele busca-se estabelecer processos mais eficientes, harmonizados e integrados entre todos os intervenientes públicos e privados no comércio exterior. Com o Portal, em 2016, espera-se que os tempos de exportação no Brasil sejam reduzidos de 13 para oito dias, prazo dentre as melhores práticas internacionais. Na importação, almeja-se que, em 2017, os prazos médios do processo cheguem a 10 dias, frente a média atual de 17 dias.

O Governo Federal lançou o programa em 2014 e tem feito entregas parciais, com previsão de completar o projeto em 2017. Com isso, é fundamental que as empresas conheçam o portal e entendam as ferramentas apresentadas. Contudo, no estado do Rio de Janeiro, 55% das empresas que atuam no comércio exterior disseram que ainda não conhecem o Portal Único.

Gráfico 49: Tendência do Comércio Exterior (%)



Ao longo do Diagnóstico foi possível identificar o perfil operacional das empresas importadoras e exportadoras, além de conhecer os entraves e as expectativas que estas empresas tem com relação ao comércio exterior brasileiro, levando em conta a evolução dessa percepção nos últimos quatro anos e comparando com as pesquisas realizadas em 2013 e 2011.

As empresas fluminenses foram questionadas quanto à tendência do comércio exterior nos próximos anos. Nota-se, ao longo do tempo, a redução das empresas que sugerem incremento: de 82% em 2011 para 76% em 2013 e caindo para 56% em 2015. Por sua vez, cresceu a participação das empresas que entendem que o comércio exterior vai permanecer estável: de 9% em 2011 para 22% em 2015. Observa-se grande incremento das empresas que estimam queda para os próximos anos: em 2013 eram 7% e em 2015 chegaram a 18%.

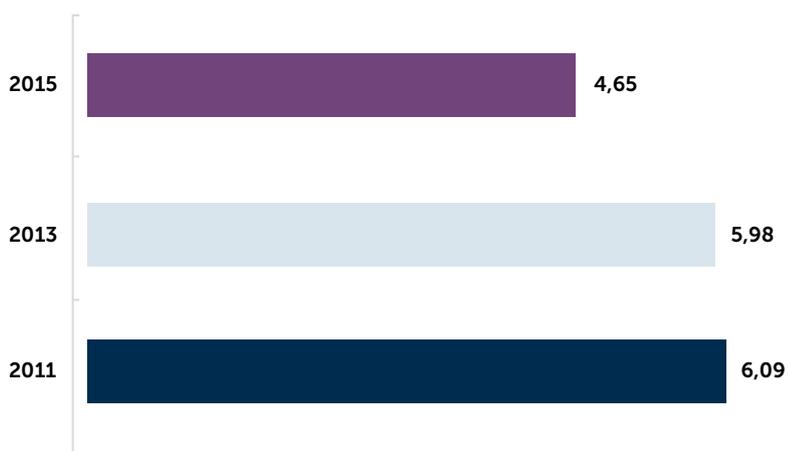
O Sistema FIRJAN acredita que o **Diagnóstico do Comércio Exterior do Estado do Rio** possa colaborar para a efetivação de políticas públicas e ações orientadas à internacionalização das empresas fluminenses. Com este trabalho é possível identificar uma série de ações prioritárias a serem desenvolvidas em prol do comércio exterior do estado do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, as exportadoras e importadoras do estado do Rio de Janeiro avaliaram a política de comércio exterior desenvolvida pelo governo brasileiro, com base em notas de 0 a 10. Nota-se a partir das respostas anteriores uma tendência mais pessimista dos

empresários fluminenses a respeito das perspectivas do comércio exterior, além de pouca melhora com relação à percepção dos entraves enfrentados.

Com isso, a avaliação dos empresários da atual política de comércio exterior brasileira teve uma leve piora ao longo das três edições do **Diagnóstico do Comércio Exterior do Estado do Rio**, saindo de 6,09 em 2011 para 5,98 em 2013 e alcançando apenas 4,65 em 2015.

Gráfico 50: Nota da Política de Comércio Exterior Brasileira



METODOLOGIA

O **Diagnóstico do Comércio Exterior do Estado do Rio** foi realizado mediante entrevistas telefônicas com questionário estruturado nos meses de abril a junho de 2015. As entrevistas foram feitas por instituto de pesquisa contratado sob supervisão da Gerência de Pesquisas do Sistema FIRJAN.

Para o plano amostral houve a preocupação de coletar uma amostra proporcional representativa da população em estudo com relação às seguintes variáveis: porte da empresa e representação regional do Sistema FIRJAN. A amostra é significativa em relação à totalidade de empresas exportadoras e/ou importadoras do estado do Rio de Janeiro, contemplando 323 respondentes. Desta forma, elimina-se a hipótese de encontrar resultados com significativas distorções da realidade, pois foi obtida margem de erro de 5,1% em um intervalo de 95,0% de confiança. Assim, pode-se afirmar com 95,0% de segurança que os resultados mostrados na pesquisa refletem a opinião e percepção das empresas exportadoras e/ou importadoras do estado, variando em um intervalo de 5,1% para menos a 5,1% para mais.

Sistema
FIRJAN



INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.

Acompanhe as redes sociais do Sistema FIRJAN:    